Ida Maria Piovesan Dal Pozzo Camerin

**O DISCURSO QUOTIDIANO NO CCA – Centro de Convivência de Afásicos
(IEL/UNICAMP)**

Texto apresentado à Banca de Defesa de
Dissertação de MESTRADO, no Instituto de
Estudos de Linguagem- (IEL/UNICAMP)
como pré-requisito parcial para obtenção do
título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa.Dra.Edwiges Maria Morato (IEL/UNICAMP)

UNICAMP

Instituto de Estudos da Linguagem

2005

C144d Camerin, Ida Maria Piovesan Dal Pozzo.
O discurso cotidiano no CCA/IEL/UNICAMP / Ida Maria Piovesan Dal Pozzo Camerin. - Campinas, SP : [s.n.], 2004.

Orientador : Edwiges Maria Morato.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Neurolingüística. 2. Afasia. 3. Interação social. 4. Conversação.
5. Comunidade. I. Morato, Edwiges Maria. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Edwiges Maria Morato – Orientadora

Profa. Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto – DL/IEL-UNICAMP

Profa. Dra. Maria Augusta Bastos de Mattos – DLA/IEL-UNICAMP

Profa. Dra. Anna Christina Bentes da Silva– DL/IEL-UNICAMP (Suplente)

CAMPINAS

25.02.2005

Meus agradecimentos

Os agradecimentos são longos...

À querida Dudu (assim permita-me chamá-la), orientadora deste trabalho,
com quem aprendi, além dos livros, das reflexões, do cotidiano no CCA...
muito da vida!

À Elenir Fedosse, professora em Fonoaudiologia, da Universidade Metodista de Piracicaba, que nas supervisões dos estágios, contagiou-me (e não só a mim) com a paixão pela linguagem. Lembro-me de suas palavras citando Guimarães Rosa: “*A vida e a linguagem são uma coisa só*”.

À Silvana Perotino, também professora em Fonoaudiologia, da Universidade Metodista de Piracicaba, com quem compartilhei um grande desejo e que me ajudou a realizá-lo: estagiar no Ambulatório de Neurologia do Hospital de Clínicas da UNICAMP e, desta forma, conhecer e participar do Centro de Convivência de Afásicos, quando, daí, tudo começou...

À Rose, Rogério e Emerson, funcionários da Secretaria de Pós-Graduação do Instituto de Estudos de Linguagem/UNICAMP, pela atenção e disponibilidade.

À Secretaria Municipal de Saúde de Campinas, em especial aos Coordenadores da Policlínica II – Unidade de Especialidade da Prefeitura Municipal de Campinas- Raquel P. T. Lima, Dra Lígia Aparecida N. de Almeida e Dr Helio de Faria Merheb Junior, os quais a todo instante me apoiaram e flexibilizaram minha jornada de trabalho; à coordenadora do Distrito de Saúde Sul: Dra Teresa Martins e aos apoiadores: Beth Yamaguchi, Vera Eliza de Oliveira e Sandra Rocha, que compreenderam o significado desta pesquisa para mim em um momento tão decisivo na minha vida profissional.

Aos meus pais, verdadeiros tesouros, que me deram a oportunidade de vir a este mundo.

Eterna gratidão....por tudo!

Ao amigo, companheiro de longa caminhada, que desde o início (quando tudo ainda era apenas uma vontade) me fez acreditar que era possível, que ouviu, que sorriu, que incentivou, que comemorou cada passo dado, enfim, que ajudou afetivamente a concluir este trabalho: Washington Camerin.

Aos amigos do CCA, que, de uma maneira muito especial, me fazem “saltar aos olhos” o espetáculo da qualidade propriamente humana: a *linguagem*.

**O DISCURSO QUOTIDIANO NO CCA –Centro de Convivência de Afásicos
(IEL/UNICAMP)**

SUMÁRIO

RESUMO	11
ABSTRACT	12
INTRODUÇÃO	13

CAPÍTULO I

CCA: Centro de Convivência de Afásicos – espaço de interação entre sujeitos afásicos e não-afásicos	21
---	----

CAPÍTULO II

Do cotidiano ao discurso cotidiano no CCA.....	28
--	----

CAPÍTULO III

Metodologia e questões acerca da análise de dados.....	41
3.1 Princípios metodológicos	42
3.2. O Grupo II do CCA	44

CAPÍTULO IV

Análise de dados: descrição e análise dos encontros do grupo II – julho de 2000 a julho de 2001.....	48
--	----

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	75
APÊNDICE – Breve descrição neurolingüística dos quadros afásicos dos sujeitos	78
ANEXO– Normas para transcrição com base no Projeto NURC	82

RESUMO

Este estudo dedica-se à descrição da conversa quotidiana e à análise do discurso quotidiano no Centro de Convivência de Afásicos, localizado no espaço físico do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas. Este trabalho tem como objetivo mostrar que o discurso quotidiano não se apaga frente à afasia, ao contrário, está presente nas atividades desenvolvidas no Programa de Linguagem do CCA, cujos recursos metodológicos (o uso de agenda individual e coletiva, bem como a retomada conjunta do noticiário da semana), contribuem decisivamente na construção tanto de um quotidiano, quanto de um discurso quotidiano do próprio Centro.

O CCA é um espaço de interação entre pessoas afásicas e não afásicas que surgiu em 1990, não apenas para dar assistência clínico-terapêutica a sujeitos afásicos a partir de uma abordagem clínica e reabilitadora diferente dos moldes tradicionais, mas também desenvolver atividades de ensino, pesquisa e docência nos estudos entre linguagem, cérebro e cognição.

Sirvo-me, na orientação teórica deste trabalho, da concepção enunciativo-discursiva de conversa quotidiana proposta por Mattos (1998:15), segundo a qual a conversa é um ato social materializado pelo discurso enquanto prática social que mantém em funcionamento “*as relações interpessoais , isto é, ela não se dá “em vão”, mas para estabelecer, conservar, transformar as relações entre amigos, parentes, fregueses, conhecidos e desconhecidos, etc”*”.

Sendo a conversa quotidiana o lugar de transformações das relações entre sujeitos, ela parece transformar as relações dos sujeitos presentes no espaço discursivo do CCA, numa espécie de comunidade de fala. Essa transformação ocorre através da formação do “*common ground*”, ou seja, o lugar comum que leva os sujeitos a terem uma identificação enquanto grupo social. No caso do CCA, é provável que o “*common ground*” seja instituído pelo discurso quotidiano, que é propriamente a prática em comum dos sujeitos no espaço de interação e convivência do Centro.

ABSTRACT

This study is about the description of the quotidian conversation and the analysis of the quotidian discourse at “Centro de Convivência de Afásicos”, located in the physical space of “Instituto de Estudos da Linguagem” (IEL), from “Universidade Estadual de Campinas”. This work has the objective to show that the quotidian discourse doesn’t disappear to the aphasia, on the contrary, it is present in the activities developed in the language program of “CCA”, whose methodological resources, (the usage of individual and collective agenda as well as the joint resumption of the weekly news), contribute decisively to the construction of either a quotidian and a quotidian discourse of the own Center.

“CCA” is a space for interaction between aphasic and non-aphasic people, created in 1990, not just to give clinical and therapeutic assistance to the aphasic through a clinical and rehabilitative approach different from the traditional patterns, but also to develop teaching activities, research and teaching in the studies involving the language, the brain and the cognition.

I make use of the proposition and discursive conception of quotidian conversation, in the theoretical orientation of this work, proposed by Mattos (1998:15), according to whom conversation is an act materialized by the discourse while social practice that makes the interpersonal relations go on in operation, that is, it doesn’t show up for no reason, but to establish, maintain, transform the relations among friends, relatives, customers, acquaintances and non-acquaintances, etc.

For the quotidian conversation is a place for transformation of relations among subjects, it seems to transform the present subjects’ relations in the discursive space of “CCA”, in a kind of speaking community. This transformation occurs through the “common ground” formation, that is, the common place that leads the subjects to have identification as a social group. In the case of “CCA”, it is probable that the “common ground” will be instituted by the quotidian discourse, that is exactly the subjects’ common practice in the conviviality and interactive space in the Center.

INTRODUÇÃO: apresentação do problema teórico

“A conversa é a primeira das formas de interação que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida afora.”

(Marcuschi, *In Análise da Conversação*, 1986:14)

A conversa quotidiana tem sido objeto de estudo em várias áreas da Linguística: Análise da Conversação, Etnografia da Comunicação, Etnometodologia, Sociolinguística, Linguística Textual, Análise do Discurso e da Neurolinguística - área na qual desenvolvo o presente trabalho.

Embora cada área traga em seus estudos uma concepção de conversa afinada com seu construto teórico, bem como um entendimento específico sobre sua estrutura e seu funcionamento, de maneira unânime todas elas outorgam, à conversa, um estatuto de matriz, de gênero básico da interação humana presente em qualquer sociedade, quer seja esta letrada ou não, pois entre outros fatores ela independe de uma aprendizagem formal, acadêmica. Além disso, postulam que a conversa é altamente organizada, voltada para a natureza social da linguagem.

A conversa face a face, por exemplo, pode ser entendida como a troca de informações entre duas ou mais pessoas (segundo as perspectivas conversacionais) e também como ato social que mantém em funcionamento as relações interpessoais, portanto, passível de ser estudada discursivamente (segundo as perspectivas enunciativas e discursivas).

Sirvo-me, na orientação teórica deste trabalho, da concepção enunciativo-discursiva de conversa quotidiana proposta por Mattos (1998:15), segundo a qual a conversa é um ato social materializado pelo discurso enquanto prática social que mantém em funcionamento “*as relações interpessoais* , isto é, ela não se dá “em vão”, mas para estabelecer, conservar, transformar as relações entre amigos, parentes, fregueses, conhecidos e desconhecidos, etc”.

Essa concepção, a meu ver, é a que melhor retrata e substancia a natureza social da linguagem.

No âmbito dessas considerações iniciais, este estudo dedica-se à descrição da conversa cotidiana e à análise do discurso cotidiano no Centro de Convivência de Afásicos, localizado no espaço físico do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas. Este trabalho tem como objetivo mostrar que o discurso cotidiano não se apaga frente à afasia, ao contrário, está presente nas atividades desenvolvidas no Programa de Linguagem do CCA, cujos recursos metodológicos (o uso de agenda individual e coletiva, bem como a retomada conjunta do noticiário da semana), contribuem decisivamente na construção de um cotidiano e na constituição do discurso cotidiano do próprio Centro.

O interesse em pesquisar o discurso cotidiano no Programa de Linguagem do CCA surgiu na época (1999 a 2001) em que eu, fonoaudióloga, acompanhava os afásicos em sessões terapêuticas individuais no Ambulatório de Neurologia do Hospital de Clínicas da UNICAMP, e também nos encontros semanais do CCA.

O CCA é um espaço de interação entre pessoas afásicas e não afásicas, fruto de um trabalho integrado entre a UNNE (Unidade de Neurologia e Neuropsicologia) do Hospital de Clínicas da UNICAMP, e do LABONE – Laboratório de Neurolingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, da UNICAMP, que surgiu em 1990, para desmedicalizar o tipo de assistência clínico-terapêutica destinado a sujeitos afásicos a partir de uma abordagem clínica e reabilitadora diferente dos moldes tradicionais¹, como também desenvolver atividades de ensino, pesquisa e docência nos estudos entre linguagem, cérebro e cognição; assunto que será melhor apresentado no Capítulo 1.

A afasia, em linhas gerais, é uma alteração da linguagem causada por uma afecção adquirida no Sistema Nervoso Central (Acidente Vascular Cerebral, Traumatismo Crânio-Encefálico ou um tumor cerebral) que leva as pessoas a terem dificuldades nos processos produtivos e/ou interpretativos da linguagem. Isso significa que o indivíduo afásico pode ter dificuldades para expressar o que quer dizer, embora saiba por que se comunica e quais são seus propósitos comunicativos. Do ponto de vista da produção lingüística, por exemplo, pode apresentar trocas fonéticas², parafasias de diversas naturezas (fonéticas, lexicais ou

¹ Para discussão da abordagem clínico-terapêutica das afasias, bem como da semiologia neurolingüística, consultar trabalhos de COUDRY (1988) e NOVAES-PINTO (1999).

² Sobre alterações fono-articulatórias nas afasias, ver FREITAS (1997) e FEDOSSE (2000).

semânticas), circunlóquios, anomias ou ainda fala ou escrita³ telegráfica, a perda do *fio da meada* durante a conversa, a compreensão apenas de parte do enunciado, a dificuldade para articular ou discriminar os sons da fala, entre outros problemas.

Morato (2000a:02), em seu artigo *As afasias entre o normal e o patológico: da questão (neuro)linguística à questão social*, descreve mais detalhadamente as manifestações afásicas mais recorrentes:

“(...)as pessoas afásicas em geral hesitam muito para falar e perdem assim muitas vezes o “fio da meada”, mostram alta instabilidade no uso das palavras, trocando de forma inesperada e algo incompreensível umas pelas outras, e têm dificuldades de encontrar aquelas que gostariam de enunciar, mas não são amnésicas; pronunciam de forma laboriosa e lenta os sons da fala, repetem partes da palavra ou as distorcem ou suprimem, mas não são gegas ou padecem de deficiências físicas que as impeçam de articular; podem falar de maneira “telegráfica”, sem que isso signifique necessariamente que perderam as palavras ou que não mais entendem a complexidade linguística; às vezes seus enunciados parecem desconexos e as pessoas afásicas sentem-se à deriva porque não conseguem estabelecer relações de sentido entre as palavras ou entre as palavras e as coisas do mundo a que se referem, o que dificulta não apenas os processos expressivos da linguagem, mas também os interpretativos (necessários para lermos nas entrelinhas ou captarmos duplos sentidos e subentendidos), mas isso não quer dizer que têm uma deficiência mental”.

Tenho observado, freqüentemente, na convivência com os afásicos, como eles, a cada interlocução, valem-se de recursos expressivos não-verbais (gestos, expressões faciais, olhar, postura corporal, entre outros) para instaurar uma conversa, manter a relação interlocutiva e os propósitos comunicativos, orientar a significação dos enunciados e de outras semioses que

³ Sobre a linguagem escrita nas afasias, ver SANTANA (1999) e MACEDO (2005).

estão interligadas na elaboração de discursos e na construção do sentido produzido nas interações. Isso não é diferente com os sujeitos não afásicos, que, sob situações de estresse emocional ou fadiga física e mental, também apresentam lapsos de memória, titubeiam ao pronunciar, realizam trocas fonéticas, perdem o “fio da meada”, enunciam frases incompletas e, principalmente, reportam-se a recursos não-verbais na construção e interpretação dos discursos. Em suma, essas palavras exemplificam o que ora desejo destacar:

“(...) não somos falantes ideais o tempo todo, mas somos sem dúvida criaturas voltadas para a linguagem, para o diálogo, para a interação verbal. Essa é a nossa qualidade propriamente humana. Não ocorre algo muito diferente com o afásico, que em geral não é afásico o tempo todo.” (Morato, 2000a:06)

Embora a afasia possa manifestar-se em diferentes graus de severidade, o afásico, em geral, não perde a memória dos vários usos da linguagem, especificamente do uso básico que produz, gera a conversa cotidiana, nem tampouco deixa de trabalhar⁴ com e sobre a linguagem. Não se nega que haja perdas, mas não se pode deixar de considerar que os afásicos preservam a possibilidade de agir sobre recursos que lhes restam para produzir, de outras maneiras, seus discursos.

Desde sua criação, o trabalho realizado no CCA tem sido influenciado epistemologicamente pelos estudos de abordagem enunciativo-discursiva da linguagem e por uma perspectiva sócio-cultural dos processos cognitivos humanos. Isso provocou profundas mudanças na compreensão do funcionamento da relação entre linguagem, cérebro e cognição, como também na concepção de afasia e na maneira de lidar e conviver com ela. Essa mudança torna-se mais explícita na seguinte passagem:

⁴ O termo trabalho relativamente à linguagem é empregado no sentido apresentado por Franchi: “...trabalho este que dá forma ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do vivido, que ao mesmo tempo constitui o sistema simbólico mediante o qual se opera a realidade e constitui a realidade como um sistema-de-referência em que aquele se torna significativo” (1977:22).

“A afasia é, basicamente, uma questão de linguagem; um problema essencialmente discursivo, não redutível aos níveis lingüísticos, isto é, à língua. Envolve o funcionamento da linguagem e os processos cognitivos de alguma maneira a ela associados; envolve, dessa maneira, as práticas lingüísticas e discursivas que caracterizam as rotinas significativamente humanas.” (Morato, 2000a:13)

O estudo das afasias, quando tratado sob uma concepção discursiva da linguagem, toma necessariamente um caminho diferente dos estudos tradicionais até então realizados, nos quais a afasia é reduzida a mero problema de codificação e decodificação da língua. Subjacente a esse postulado está a idéia de língua enquanto código, sistema fechado, imutável, utilizado pelo falante, que encontra nele um objeto com o qual exprime, a partir de suas categorias, o pensamento. A linguagem é tida, então, como representação do mundo, e a língua, neste sentido, serve para exprimir a representação mental. Geralmente os estudos neuropsicológicos que concebem a linguagem como estrutura buscam quantificar apenas aquilo que falta ao sujeito acometido por uma lesão cerebral, ou seja, a deficiência ou a incapacidade lingüística, como se o funcionamento da linguagem se reduzisse ao processamento do código. Em termos práticos, isso se evidencia pelos inúmeros testes metalingüísticos utilizados para se obter um *score* a respeito da capacidade lingüística do sujeito. O conceito de metalinguagem, nesse enquadre teórico, acaba concernido meramente à habilidade de nomear objetos, evocar e repetir palavras e, por conseguinte, o tratamento é calcado em atividades essencialmente metalingüísticas, descontextualizadas, artificiais. A metalinguagem reduz-se, neste caso, a operações metalingüísticas ou à mera aferição do conhecimento por parte do sujeito relativo ao sistema nocional. Separam-se, de maneira dicotômica, prática e reflexão sobre linguagem. Com isso, a metalinguagem relaciona-se com conteúdos mentais e não propriamente com o funcionamento da linguagem.

A abordagem enunciativo-discursiva da linguagem diferencia-se substancialmente da abordagem estruturalista ou chomskyana, pois considera o que essas outras abordagens desconsideraram em seus estudos: o sujeito que enuncia e suas ações, bem como as circunstâncias de uso da linguagem. Nesta abordagem, a língua é um processo dinâmico, inacabado, que se (re)constitui e se atualiza na atividade interlocutiva, ou seja, pelo uso que os

falantes dela o fazem e, por estar em circulação social, é passível de transformações, variações. Portanto, o que se privilegia aqui é a interlocução, considerado o “fenômeno por excelência”. (cf. Benveniste)

Benveniste, um dos autores centrais da perspectiva enunciativa, assim define a atividade constitutiva da linguagem (1988:286):

“É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser (...). A subjetividade que estamos tratando aqui é a capacidade do locutor para se propor como “sujeito”. “Essa condição de diálogo é que é constitutiva da pessoa, pois implica em reciprocidade - que eu me torne um tu na alocução daquele que por sua vez se designa como eu. A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como eu no seu discurso.”

Outro ponto importante na abordagem enunciativa (ou enunciativo-discursiva) da linguagem diz respeito à construção de sentido produzido na relação dialógica. O sentido daquilo que é dito, enunciado, não está apenas nas estruturas da gramática de uma língua, mas na “corrente da interação verbal na qual as dimensões ideológicas e vivenciais de cada falante são confrontadas, de modo a fornecer às palavras sua significação” (Bakhtin, 1981). Mussalim reforça essa idéia de Bakhtin quando comenta a respeito da construção do sentido para a Análise do Discurso: *“o sentido vai se construindo à medida que se constitui o próprio discurso. Não existe, portanto, o sentido em si, ele vai sendo determinado simultaneamente às posições ideológicas que vão sendo colocadas em jogo na relação entre as formações discursivas⁵ que compõe o interdiscurso.”* (Mussalim, 2001:132)

Essas proposições brevemente apresentadas acima subsidiam a Neurolinguística orientada enunciativo-discursivamente, cujo interesse, na questão do sentido, como já dito, é o fato de ele não ser dado, *a priori*, pela sintaxe de uma língua, ou pela lógica, mas construído a

⁵ Segundo Foucault (1969), formação discursiva é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram, em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou lingüística dada, as condições de exercício da função enunciativa.

cada interlocução e em meio às condições (materiais, contextuais, sociais) de produção do enunciado. Com esses interesses, conforme Morato (2001:20), a Neurolinguística desenvolvida no IEL/ UNICAMP dedica-se:

“ao estudo da heterogeneidade do uso da linguagem, `a análise das interações humanas, `as posturas ou gestos interpretativos dos sujeitos, ao debate em torno de universos discursivos (...), `a inscrição histórico-cultural dos processos cognitivos (como a memória ou a percepção), `as propriedades (relacionadas ao inconsciente e `a ideologia) que nos privam de um controle do sentido daquilo que produzimos ou interpretamos; `a relação constitutiva entre linguagem e cognição (e aqui seguimos de perto a reflexão vygotskiana).”

Esse posto de observação foi escolhido para análise empreendida neste estudo, pois somente uma área de conhecimento híbrida, tal como se apresenta a Neurolinguística, pode dar conta dos múltiplos fatores e processos que estão em jogo no funcionamento da linguagem, especificamente da linguagem no estado afásico.

O interesse na dimensão interlocutiva da linguagem do Grupo II do CCA, objeto de análise desta pesquisa, pautou-se pela observação do momento da constituição do grupo e também na peculiar condição afásica de seus integrantes. As dificuldades afásicas dos integrantes referiam-se, na época (julho de 2000), mais aos aspectos produtivos da linguagem: os integrantes afásicos apresentavam dificuldades de ordem fono-articulatórias, quer por apraxia buco-lábio-lingual, quer pela presença de alterações de ordem fonético-fonológicas. Além disso, conforme entrevista realizada com os sujeitos antes de seu ingresso no grupo, a grande maioria não tivera nenhuma experiência de convivência em que houvesse participação em grupo parecida com o CCA. Vale dizer que, no Brasil, as experiências coletivas as quais integram afásicos, referem-se basicamente a grupoterapias. A preocupação, naquele momento, era fortalecer os quadros interativos desses sujeitos e favorecer o interesse pela comunicação e pelo outro a fim de impedir o isolamento social e incentivar o afásico ao enfrentamento de suas dificuldades lingüístico-cognitivas.

O que se faz no Programa de Linguagem, como veremos mais detalhadamente no próximo capítulo, é, a partir de práticas discursivas com o uso de agenda e a retomada dos eventos encontrados nos noticiários semanais, provocar a mobilização de diversos movimentos de sentido: enunciativos, pragmáticos, discursivos, semióticos (gestuais, corporais) e cognitivos (mnêmicos, perceptivos, atencionais). É provável que a constituição do discurso cotidiano transforme finalmente uma atitude social pela via da retomada de várias práticas com a linguagem.

Pensando nessas considerações, pode-se supor que o CCA configura-se em cenário para a retomada do uso básico da linguagem, justamente o discurso cotidiano. Se assim for, quais serão, então, os momentos em que aparece esse discurso? Como ele é construído em meio às atividades já mencionadas?

CAPÍTULO I

CCA: Centro de Convivência de Afásicos - espaço de interação entre sujeitos afásicos e não-afásicos

O CCA, além dos seus propósitos já mencionados na introdução, tem o compromisso de possibilitar aos sujeitos afásicos um espaço de convivência e inclusão social. Espaço esse marcado por um conjunto de rituais sociais, pelo fortalecimento dos quadros interativos, nos quais os sujeitos podem enfrentar suas dificuldades lingüístico-cognitivas e estabelecer processos alternativos de significação, pela evocação de inúmeras práticas de linguagem, como, por exemplo, a conversa sobre fatos de sua vida quotidiana.

Semanalmente, sujeitos afásicos e não afásicos reúnem-se na sede própria do CCA, durante o período de aproximadamente 3 horas, para participarem da dinâmica de funcionamento do Centro que, na época da coleta de dados desta pesquisa (julho de 2000 a julho de 2001), contava com três Programas: Linguagem, Expressão Teatral e Educação Física.

A finalidade desses Programas, *grosso modo*, era propiciar ao sujeito afásico possibilidades de significar e interpretar o mundo em que vive, descobrindo formas alternativas de interação (que não necessariamente a oral).

No Programa de Linguagem, coordenado na época por Edwiges Morato e Maria Irma Coudry, procurava-se explorar aqueles aspectos que constituíam o funcionamento da linguagem em suas diferentes configurações (diálogos, comentários, narrativas, leituras *etc.*), seus mecanismos de constituição e valor social. Entre essas atividades estavam a discussão em grupo sobre temas diversos, relativos ao que acontece no Brasil e no mundo, a promoção de palestras (sobre a crise do trabalho ou os medicamentos genéricos, por exemplo), a visita a museus e exposições e compartilhamento de eventos pessoais. Em termos práticos, isso fazia com que a atenção fosse voltada para variadas formas de (re)tomada dos usos da linguagem

pelos sujeitos afásicos, sua capacidade pragmática de reconhecer seus interlocutores e suas propostas discursivas, suas possibilidades de inserção em diferentes práticas discursivas.

No Programa de Educação Física, sob a coordenação de Flávia Faissal de Souza no período entre 1998 a 2001, as atividades procuravam privilegiar o modo pelo qual os sujeitos enfrentavam os limites impostos pelas hemiplegias e apraxias, e exploravam as outras possibilidades de ação e de expressão corporal. A proposta do Programa era o estabelecimento de um espaço que permitisse, a todos os participantes do CCA, a prática e a produção de diversas formas de movimento e expressão, no contexto de atividades como a dança, a prática esportiva, os jogos e a mímica.

O Programa de Expressão Teatral, coordenado por Ana Maria Souto, tinha como objetivo o favorecimento e o reconhecimento da reorganização expressiva da pessoa cérebrolesada através de um constante exercício de representação e reflexão sobre as atividades e atitudes cotidianas, sendo este o principal eixo do trabalho. Após o reconhecimento do grupo e das características individuais dos participantes, adotou-se uma estrutura que dividia as sessões em, basicamente, três partes: instalação da proposta de trabalho, articulação/projeção vocal e exercícios de criatividade e improvisação, como os jogos teatrais.

O CCA, na época deste estudo, constituía-se de dois grupos: Grupo I, formado em 1990, quando o CCA ainda não tinha sede própria e funcionava nas dependências de uma sala de aula cedida pelo IEL. Este grupo existe até os dias atuais e conta com atividades do Programa de Linguagem e Programa de Expressão Teatral, sob a coordenação da Profa Edwiges Maria Morato. O Grupo II, objeto de análise desta pesquisa, foi formado em julho de 2000; suas atividades foram mantidas até 2001, quando um novo grupo formou-se, modificando-se bastante e constituindo a base do atual Grupo II, sob a coordenação da Profa Maria Irma Coudry.

Os grupos que constituem o CCA são formados por sujeitos afásicos acompanhados pelo Ambulatório de Neurologia do Hospital de Clínicas da UNICAMP, por médicos e terapeutas.

Os sujeitos afásicos apresentavam diversas faixas etárias, variados graus de escolaridade, níveis sócio-econômico-culturais e atividades laborais também bastante diversificados. Pode-se perceber, dessa maneira, que o CCA tem uma constituição heterogênea em muitos sentidos.

Nos encontros semanais debatiam-se vários temas de interesse comum ao grupo, principalmente os que diziam respeito às necessidades e urgências que a afasia convoca. Os debates destinavam-se tanto aos sujeitos afásicos e seus familiares, como também aos não-afásicos presentes nos encontros do CCA. A discussão abordava preconceitos lingüísticos, sociais e laborais em relação às pessoas portadoras de alguma deficiência (vale lembrar que não existe, no código civil brasileiro, uma lei que descreva as necessidades especiais do afásico; aliás, eles estão incluídos, erroneamente, por vezes, no quadro de deficientes mentais)⁶, as políticas públicas de saúde adequadas à assistência clínico-terapêuticas, informações sobre a afasia e formas de se lidar e conviver com ela. A propósito, essa discussão culminou na elaboração conjunta de um livro⁷ para sanar a dúvida daqueles que, de alguma maneira, estão em contato com a afasia.

A constituição do discurso cotidiano, no CCA, implica um conjunto de ações com e sobre a linguagem, bem como a eleição de processos alternativos de significação, a apropriação de gêneros discursivos que possam facilitar as alterações lingüístico-cognitivas que resultam na atividade interlocutiva dos sujeitos, os papéis e posições intencionalmente assumidas pelos que interagem nas ações humanas. Essas ações presentes no Programa de Linguagem do CCA foram descritas por Morato (1999 a e 1999 b), baseadas em Geraldi (1991)⁸.

A autora propõe, basicamente, três dimensões dessas ações presentes no funcionamento da linguagem: dimensão interlocutiva, meta-enunciativa e discursiva, que articuladas entre si, nas práticas discursivas, mobilizam-se em torno de diferentes funções da linguagem e de processos cognitivos responsáveis pela sua reorganização. São elas:

1. Dimensão interlocutiva:- voltada para a intersubjetividade, para a dinâmica de papéis e posições assumidas pelos diferentes locutores ou enunciadores em diferentes situações discursivas propostas. Levando em conta a diversidade das configurações textuais

⁶ Sobre esta discussão, bem como sobre os direitos cível e previdenciário dos afásicos, consultar Morato, E.M. e cols (2002): “Sobre as Afasias e os Afásicos- *Subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos*”. Campinas: UNICAMP.

⁷ Idem a nota acima.

⁸ Geraldi (1991), em seu livro “Portos de passagem”, apresenta no item 1.3 do primeiro capítulo, as ações que os sujeitos fazem com/sobre/da linguagem. Trata-se das atividades lingüísticas, epilingüísticas e metalingüísticas que representam, segundo o autor, níveis distintos de reflexividade da linguagem.

(relatos, diálogos, comentários, recontagem, instruções *etc*), refere-se a tarefas de reformulação, modalização e fortalecimento de quadros interativos e esquemas de trocas verbais, favorece a diminuição de tensões emocionais e a partilha de experiências, evoca experiências sociais positivas, valoriza o interesse de um pelo outro e impede o isolamento social, além de encorajar a necessidade de outras formas de comunicação ou possibilidades de significação que não apenas a lingüística.

São exemplos da dimensão interlocutiva o trabalho regular e sistemático com a agenda pessoal de anotações do sujeito (seus compromissos, viagens, visitas ou passeios, comentários de qualquer ordem, receitas de bolo, datas importantes *etc*) e a montagem conjunta de um painel com informações e acontecimentos veiculados na mídia nacional durante a semana e comentados e debatidos por todos (sempre no início dos encontros ou sessões).

2. Dimensão meta-enunciativa:- voltada para a heterogeneidade das instâncias enunciativas, para a reconstrução de relações interpessoais e centrada na relevância da presença e do papel do interlocutor. Relacionada basicamente com a (re)elaboração do trabalho meta-enunciativo, necessário para a inscrição nas noções e nos enunciados pré-construídos (isto é, o conjunto de elementos produzidos em outros discursos e enunciações preexistentes e reconhecíveis em nossa memória discursiva comum), com a manipulação metalingüística do próprio dizer e do dizer do interlocutor, atua em especial nas atividades de explicitação (comentários, paráfrases, relatos, pressupostos interpretativos, discursos procedurais *etc*), nas de reformulação de operações lingüísticas e cognitivas e nas de auto-correção.

São exemplos da dimensão meta-enunciativa todo tipo de trabalho de inscrição nas enunciações pré-construídas e de elaboração lingüístico-discursiva do conhecimento de mundo: discursos indiretos, enunciações proverbiais, interpretação de piadas e de sentidos implicados ou metafóricos gerais, atividades inferenciais (verbais ou não), dramatizações (verbais ou não), comentários do sujeito sobre seu desempenho e o dos outros, bem como sobre as atividades desenvolvidas na sessão.

3. Dimensão discursiva:- voltada para a articulação do sistema lingüístico e do discurso, isto é, para a reorganização da interpretação e manipulação de vários universos discursivos (*cf.* Maingueneau, 1984, 1991) através dos quais agimos no mundo. Relacionada

com o reconhecimento e a reelaboração do tecido discursivo, está centrada no trabalho lingüístico de manipulação da interdiscursividade e em novas formas de referir e interpretar as coisas do mundo.

São exemplos da dimensão discursiva todo o tipo de atividade que se confronte direta ou indiretamente com a polissemia existente entre a língua e o (inter)discurso, e que envolva diferentes eventos sociais: comemorações, saraus musicais e reuniões com familiares, introdução de um novo elemento no grupo, sessão de cinema, intervalo para tomar café, visitas *etc.*

Na conclusão do Projeto FAPESP⁹, Morato (2002) assinala que essas três dimensões da linguagem mostram-se bastante produtivas para a descrição das atividades lingüístico-discursivas no CCA e, por isso, demandam a consideração de três outros conceitos importantes que configuram o arcabouço teórico-metodológico das práticas realizadas no CCA. São os conceitos de *práticas discursivas, interação e comunidade*, conceitos estes destacados nesse projeto como também no que se seguiu a ele¹⁰.

A partir do entendimento de práticas discursivas como as atividades que prevêm uma reversibilidade (*cf.* Mainguenu, 1989) entre o que se produz como texto (linguagem, gesto, pantomima, desenho etc) e aquilo que diz respeito às referências do mundo social, o CCA pode ser entendido como prática discursiva em dois sentidos: um que toma o Centro como objeto de análise e outro que o toma como cenário de possibilidade de uma nova relação dos sujeitos afásicos com a linguagem. (*cf.* Morato, 2001a)

Intrinsecamente ao conceito de prática discursiva, está ligado o conceito de interação, visto que esta é constitutiva de toda e qualquer prática humana, caso se parta da afirmação de Bakhtin (1981), segundo o qual “*toda ação humana procede de interação*”. Para o desenvolvimento deste trabalho, interessou a idéia de interação como aquela apresentada por Morato (2001:05):

⁹ Projeto FAPESP processo n. 99/07055-6 “CENTRO DE CONVIVÊNCIA DE AFÁSICOS: PRÁTICAS DISCURSIVAS, PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO E PROPRIEDADES INTERATIVAS” (2000-2002)

¹⁰ Projeto FAPESP processo n. 03/02604-9 “ANÁLISE DA COMPETÊNCIA PRAGMÁTICO-DISCURSIVA DOS SUJEITOS AFÁSICOS QUE FREQUENTAM O CENTRO DE CONVIVÊNCIA DE AFÁSICOS (CCA/IEL-UNICAMP)” (2003-2005)

“a interação evoca a idéia de influência recíproca, e isso não implica necessariamente ação colaborativa, a ausência de conflitos e disputas, a equidade interpessoal. Antes, ela se decide na relação e em relação aos outros e ao mundo, constituídos historicamente em meios a distintas heterogeneidades.”

Toda interação evoca a idéia de troca, que traz em sua essência a assimetria, o conflito, a negociação. As interações entre sujeitos afásicos e não-afásicos, com relação ao reconhecimento de normas sociais e pragmáticas que presidem a utilização da linguagem, não são na sua essência diferentes das que ocorrem entre sujeitos que não apresentam uma lesão cerebral. É claro que, muitas vezes, encontra-se de forma mais acentuada no contexto afásico, como nos lembra Morato (2001:05), *“o silêncio pesaroso, a dissimetria interlocutiva, a ineficiência comunicativa”*. No entanto, isso não quer dizer que todas as ações interativas realizadas no CCA sejam finalisticamente orientadas por dicotomias clássicas de desigualdade (sujeito falante X sujeito não falante, leigo X pesquisador, fluente X não fluente). O que se procura fazer é decidir coletivamente o que vai ou não para o espaço discursivo (conceito que será retomado adiante), pois o que se privilegia no CCA é o engajamento dos interlocutores para a *“construção conjunta de um discurso que eles compartilham intersubjetivamente”* (nas palavras de Morato, 2001:16). Aliás, as assimetrias interlocutivas também são condicionadas por diversos fatores sociais, culturais, econômicos, demográficos *etc*, não estando apenas no limite do cumprimento de normas lingüísticas tomadas como padrão.

“A dissimetria aqui existente não deixa de entrever a constituição de um discurso comum em que a heterogeneidade e o conflito são partes integrantes. Esse discurso comum, enfim, é o que pode integrar sujeitos afásicos e não afásicos em torno de uma comunidade discursiva que, longe de apagar seus elementos de heterogeneidades, se constituem em função deles, como uma espécie de “unidade na dispersão” (para usar uma expressão de Foucault, 1969/1986).”
(Morato,2001:05)

As interações que se efetivam no CCA realizam-se em um espaço discursivo comum que, segundo François (1984 *Apud* Morato:2001), é a rede de significações tecida no curso das trocas verbais e na qual todo enunciado ganha sentido. É, conforme Gruning & Gruning (1985), um conjunto de relações a partir das quais se constitui o trabalho de interpretação. A partir dessas concepções de espaço discursivo, Morato (2002:16) assim formula essa questão:

“(...) podemos entender o CCA como um espaço discursivo no sentido em que ele se projeta preferencialmente numa estrutura de trocas em que coexistem heterogêneas significações atuando na construção conjunta (mas não mútua!) do sentido.”

Tem-se, então, como objeto comum, nesse espaço discursivo sobre o qual se debruçam os sujeitos em interação, o discurso que está em constante construção, inicialmente porque os sujeitos, nas reuniões do CCA, não se encontram sempre pela primeira vez, e também porque há um planejamento conjunto de atividades definidas para o encontro posterior, seja uma atividade nova ou a continuidade de uma em curso.

Os sujeitos afásicos e não-afásicos participam desse espaço discursivo de diversas maneiras: contrapondo-se, justificando-se, inovando ou rearticulando um ponto de vista *etc.* Essa participação pode também ser observada nos processos de significação não-verbais que se constituem com os olhares, os gestos, a voz, a postura, entre outros.

Por último, vale a pena trazer, em função dos propósitos deste estudo, uma das conclusões do projeto FAPESP (2000-2002): mesmo diante de uma instabilidade lingüístico-discursiva provocada pela afasia, o saber da/ sobre a linguagem e o saber do mundo, aqui entendidos como competência pragmático-discursiva, não está destruído pela afasia. O CCA, dessa forma, tem se mostrado um instigador dessa competência pragmático-discursiva dos sujeitos que se constituem nas diferentes práticas psico-sociais lingüisticamente mediadas pela linguagem.

No próximo capítulo, apresentarei as diversas concepções de conversa e como ela é estruturada, segundo as teorias discursivas, textuais e conversacionais, para, então, chegar à formulação da conversa como matriz da constituição do discurso cotidiano no CCA.

CAPÍTULO II

Do cotidiano ao discurso cotidiano no CCA

“(...) é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem e a linguagem ensina a própria definição do homem.”

(Benveniste, *In Problemas de Lingüística Geral 1*, 1988:285)

Neste capítulo serão destacados vários autores que pesquisam ou que já pesquisaram a respeito do funcionamento da conversa cotidiana face a face. São autores com interesses teóricos diversos a respeito da conversa e da linguagem, muitas vezes com postos de observação teórico-metodológicos diferentes, mas que apresentam uma relevância teórica importante na compreensão da linguagem com a realidade social, com a constituição dos sujeitos como seres sociais.

Inegavelmente existe uma semelhança entre esses autores e abordagens quanto à aceitação de uma sociogênese da conversa: ela nasce a partir de uma interação entre duas ou mais pessoas basicamente para fins de comunicação. Outro ponto em comum entre eles é a consideração dos múltiplos fatores sociais, contextuais, interacionais, culturais e históricos que estão na concorrência para o funcionamento da linguagem. Portanto, todos eles prevêm em seus estudos um certo entendimento da relação existente entre indivíduo e sociedade. Uma relação do tipo estreita, solidária, constitutiva.

Inicialmente falarei da discussão de base enunciativo-discursiva proposta por Mattos (1998) a respeito do funcionamento do discurso cotidiano para, a partir daí, deslocar a reflexão para a constituição do cotidiano e do discurso cotidiano no CCA.

Em seguida, abordarei autores como Marcuschi e Koch, que apresentam uma abordagem sócio-cognitiva da conversa, discorrendo sobre sua materialidade lingüística e

dinâmica textual. Finalizo fazendo menção a um autor ligado à Sociolinguística Interacional, Herbert Clark, a fim de tratar dos vários usos da linguagem e de conceitos como “*common ground*” e comunidade de fala.

Em função dos objetivos deste estudo, evoco, então, primeiramente, o conceito de discurso cotidiano como manifestação discursiva do ato de conversar (Mattos, 1998). Contudo, faz-se necessário entender melhor qual é a idéia que se tem de discurso e de conversa.

A concepção de discurso assumida nesta pesquisa trata-se daquela postulada por Mainguenu (2002:52): “uma maneira de apreensão da comunicação verbal”, cujos aspectos essenciais, em geral, são:

1. *O discurso é uma organização situada para além da frase* – ou seja, as seqüências de palavras mobilizam estruturas de outra ordem que a das frases, pelo seu caráter de unidade completa, mesmo que constituído por uma única frase.
2. *O discurso é orientado* - ele é assumido por um locutor e se desenvolve, *no tempo*, de maneira linear. E mais, constrói-se em função de uma finalidade, supostamente, devendo dirigir-se para algum lugar. No entanto, ele pode desviar em seu curso, retomar sua direção, cuja linearidade manifesta-se, freqüentemente, por um jogo de antecipações ou retomadas, que constitui o monitoramento da fala pelo locutor.
3. *O discurso é uma forma de ação* – falar é uma forma de ação sobre o outro e não apenas uma representação do mundo que também está relacionada com atividades não-verbais.
4. *O discurso é interativo* – a interatividade constitutiva (dialogismo) é uma troca, explícita ou implícita, com outros enunciadore, virtuais ou reais, e supõe sempre a presença de uma outra instância de enunciação à qual se dirige o enunciador e com a qual constrói seu próprio discurso. Sendo assim, a conversação é uma das formas de manifestação mais importante e essencial da interatividade do discurso.
5. *O discurso é contextualizado* – todo enunciado só ganha sentido no contexto de produção.
6. *O discurso é assumido por um sujeito* – o discurso só é considerado como tal enquanto remete a um sujeito, um EU, que se coloca como fonte de referências

personais, temporais, espaciais, e ao mesmo tempo, indica que atitude está tomando em relação àquilo que diz ao seu co-enunciador.

7. *O discurso é regido por normas* –como as leis do discurso, regras conversacionais etc.
8. *O discurso é considerado no bojo de um interdiscurso* - para interpretar qualquer enunciado é necessário relacioná-lo a muitos outros enunciados que são comentados, parodiados, citados etc.

Mattos (1998:86) define a conversa cotidiana como “*o lugar de apreensão de necessidades pragmáticas e que, nesse sentido, só seria apreendida por um conceito como o de ato, social e historicamente marcado pelo quotidiano*”. Por isso mesmo, conversar “*é conviver, é encontrar-se habitualmente com outras pessoas, repetir o gesto de viver junto*”. Em outras palavras, a conversa é um ato social materializado pelo discurso como prática social para manter em funcionamento “*as relações interpessoais, isto é, ela não se dá “em vão”, mas para estabelecer, conservar, transformar as relações entre amigos, fregueses, conhecidos e desconhecidos etc.*” (Mattos, 1998: 15)

A concepção de conversa cotidiana assumida por Mattos está apoiada no conceito de *prática discursiva* de Foucault e na idéia de *dêixis discursiva* de Mainguenu, as quais respectivamente, nas palavras da autora (1998:19:17) referem-se:

i) “*ao sistema das relações que estão no limite do discurso (isto é, não estão nem na sua exterioridade, que seria situacional, nem na sua interioridade, que seria textual), determinando a rede de relações que o discurso deve efetuar para caracterizá-lo exatamente como prática*”.

ii) “*às coordenadas espaço-temporais implicadas num ato de enunciação. A dêixis discursiva, por sua enunciação, constrói no nível do universo do sentido uma formação discursiva. Seria o trinômio eu-aqui-agora discursivo; seria o social projetado imaginariamente no discurso*”.

Para este estudo, interessa o conceito de conversa cotidiana enquanto ato social, pois o que se privilegia no espaço de interação entre pessoas afásicas e não-afásicas é a realização de atos sociais pela/com a linguagem.

Segundo Mattos (1998), a função social constitui-se na situação e com ela constrói-se o sentido. Além disso, a situação modifica a função social no próprio processo dinâmico da conversa, fazendo com que haja escolha de tipos específicos para o preenchimento da sua necessidade particular. Sendo assim, o discurso cotidiano pode ter várias funções sociais que se vão delineando no processo discursivo a depender das necessidades de comunicação e interação dos sujeitos.

A situação social, como assinala Mattos, não é local, o espaço físico em que se dá a conversa, mas pelo que nela se realiza socialmente, isto é, a situação imaginária em sua determinação social, histórica e interacional, que os interlocutores apresentam na produção do discurso cotidiano.

O conceito de situação social baseia-se no que Mainguenu chamou de cena enunciativa: *a dêixis discursiva pressupõe e ao mesmo tempo produz, por uma enunciação, uma cenografia, a que denominamos de “situação social”*. (Mattos, 1998:26)

Cada situação, ao cumprir uma função social, requer um tipo específico de conversa, por exemplo, conversa para criar uma relação interpessoal, para entreter, para reviver fatos etc. Assim, é a função social que vai atuar na escolha de discursos para preencher a necessidade de sentido daquela interação. O que se busca na conversa é que ela cumpra uma função social, isto é, *“estabeleça uma relação entre os dois lados que constituem uma prática discursiva: o do texto e do grupo social que se institui com ela”*. (Mattos, 1998:20)

A função social do discurso cotidiano no CCA estava primordialmente ligada ao fortalecimento dos quadros interativos, à evocação de experiências sociais positivas, à valorização do interesse de um pelo outro, ao impedimento do isolamento social, ao encorajamento e à necessidade de se servir de formas de comunicação ou possibilidades de significação que não apenas a verbal. Isso é interessante quando se observa que o grupo aqui estudado constituía-se, no início de sua formação, de sujeitos afásicos com dificuldades severas nos processos produtivos da linguagem e, por isso, com dificuldades maiores na oralidade.

A estruturação da conversa/discurso cotidiano na sociedade, para Mattos (1998), dá-se pelo cumprimento das funções sociais. Por isso, a autora conclui que a estruturação leva em conta os modelos de conversa que as situações sociais institucionalizam.

Mattos define o modelo de conversa como “*uma matriz dos discursos coloquiais, efeito de sentido entre os interlocutores, social e historicamente marcada pelo cotidiano*” (op.cit.p.25), baseando-se na concepção de *habitus*, desenvolvida pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, isto é, um sistema de disposições duráveis, transponíveis, o qual integra todas as experiências passadas e funciona, a cada momento, como uma matriz de percepções, apreciações e ações as quais tornam possíveis a realização de tarefas infinitamente diferenciadas.

O que levaria os sujeitos a acionarem os modelos de conversa para cumprir uma função social? Seria a *história da conversa*, conceito proposto por Mattos, para definir os conhecimentos que os sujeitos têm acerca do funcionamento da vida cotidiana e dos saberes dos modelos de conversa para dialogar quotidianamente.

A história da conversa seria, então, responsável por “*atualizar os conhecimentos como para retomá-los, por instaurar pessoas como interlocutores, como sujeitos de discurso e por isso*” sujeitos com memória “*que retomam as conversas e as desenvolvem no seu dia-a-dia*”. (Mattos, 1998:30-31)

Isso ajuda a entender parcialmente a estruturação do discurso cotidiano no CCA e reafirma a convicção de que os sujeitos afásicos não perdem a memória de usos da linguagem. Nesse caso, memória de uso da conversa/discurso cotidiano para estabelecer um diálogo, conhecer pessoas, compartilhar os acontecimentos de sua vida.

Mattos postula que o lugar-comum, a repetibilidade, o ritual e a familiaridade são como traços típicos do discurso cotidiano que, articulados entre si, atuam na manifestação do discurso em dois sentidos: é o falar *sobre o* cotidiano e a *fala* do cotidiano.

O lugar comum refere-se à história da conversa, ou seja, à retomada de dados memorizados socialmente (modelos de conversa institucionalizados) para conversar quotidianamente.

Segundo Mattos (1998:31), “*quando se fala na vida quotidiana, muita coisa se retoma e quando se relembra, muita coisa se quotidianiza*”. Aqui se encontra o traço da repetibilidade que atualiza os conhecimentos ou dá uma dimensão de novidade ao vivido.

Neste sentido, a conversa constrói o cotidiano e é alimentado por ele. Este se faz como o misto do presente e da memória, como afirma a autora.

Se levarmos a cabo a afirmação de que a conversa quotidiana constrói o cotidiano e é alimentada por ele, como isso se daria no CCA?

Imaginemos o ritual (aqui relacionado à idéia de estrutura prévia) dos encontros no CCA, por exemplo: a chegada dos sujeitos na sala, o sentar-se junto à mesa, os cumprimentos iniciais, o compartilhar as experiências anotadas na agenda e a discussão dos temas do noticiário considerados relevantes. Quando os sujeitos em interação recuperam os acontecimentos do encontro anterior, seja para informar aos que não estiveram presentes ou retomar o assunto, vê-se claramente como conversar é mesmo “*retomar o fio da meada da história da conversa*”. (Mattos,1998:37)

O ritual do discurso quotidiano está relacionado às formas já cristalizadas dos usos da linguagem e dos papéis que os sujeitos assumem na conversa quotidiana. Dessa forma, a determinação do ritual na conversa quotidiana dá-se pela história da conversa, pela situação social imaginária que, ao cumprir uma função pelo ato social da conversa, manifesta de acordo com o postulado por Mattos, determinadas práticas sociais no nível textual.

Posta a consideração de que a conversa é uma manifestação discursiva, torna-se interessante pensar em sua materialidade interativo-textual.

Para abordar a conversa na sua materialidade em termos interativo-textuais, como já acenado na introdução deste capítulo, não se pode deixar de evocar autores como Marcuschi (Análise da Conversação) e Koch (Linguística Textual), pois ambos têm identificado na linguagem uma ação mediadora entre os conhecimentos lingüísticos, sociais, contextuais, culturais na construção da conversa face a face e no processamento textual.

Para esses autores, o texto (falado ou escrito) é prática social fundamental na construção social do conhecimento. Por meio das interações, os sujeitos mobilizam diversos saberes sociais, históricos e culturais em meio ao que a linguagem realiza sua ação mediadora, organizadora, socializadora.

Essa ação mediadora da linguagem, bem como as estratégias enunciativo-pragmáticas levadas a cabo pelos sujeitos, estão bastante presentes na Linguística Textual que define texto como:

“manifestação verbal constituído de elementos lingüísticos selecionados e ordenados pelos falantes durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais.” (Koch,1997:22)

A partir disso, Koch postula a mobilização simultânea de várias estratégias no processamento textual, divididas pela autora para fins didáticos em três grandes blocos: as estratégias cognitivas, sócio-interacionais e textuais ou textualizadores.

As estratégias cognitivas dizem respeito às estratégias de uso do conhecimento (enciclopédico, episódico, procedural ou memória semântica). Consistem na execução de algum “cálculo mental” por parte dos interlocutores. Exemplos são as inferências e as estratégias de desaceleração como as pausas de planejamento.

As estratégias sócio-interacionais são as socioculturalmente determinadas que visam a estabelecer, manter e levar a bom termo uma interação verbal. São elas: estratégia de preservação das faces, de polidez, de negociação, de atribuição de causas aos mal-entendidos, entre outras.

Já as estratégias textuais ou textualizadoras compreendem:

1. estratégias de organização da informação relacionadas à distribuição do material lingüístico na superfície textual. Dado/novo; estratégias de articulação tema-rema;
2. dentre as estratégias de formulação estão as de inserção e reformulação (retóricas ou saneadoras);
3. estratégias de referência;
4. estratégias de “balanceamento” do explícito/implícito são as relações entre informação textualmente expressa e conhecimentos prévios, pressupostos e partilhados.

Para Marcuschi, autor pioneiro entre nós no campo na Análise da Conversação, a conversa (1986:08) *é o exercício prático das potencialidades cognitivas do ser humano em suas relações interpessoais, tornando-se assim um dos melhores testes para organização e funcionamento da cognição na complexidade ativa da comunicação humana.* Segundo o

autor, os interlocutores, a fim de produzirem uma conversação, devem partilhar um mínimo de conhecimentos comuns (lingüístico, cultural, situações sociais). Ainda nessa linha, a conversa é construída e organizada a cada intervenção dos interlocutores, ou seja, quando há a formação do turno conversacional. Além disso, esse autor cita vários elementos que organizam o fluxo conversacional, como os organizadores locais da conversação, organizadores ao nível da seqüência e organizadores globais da conversação.

Constituem os *organizadores locais da conversação* a tomada de turno, a fala simultânea e sobreposição de vozes, as pausas, os silêncios e as hesitações, a reparação e as correções.

No que diz respeito aos *organizadores em nível da seqüência* há os pares conversacionais de aspecto estrutural e os de aspecto semântico-pragmático, pares de perguntas e respostas e pré-seqüências. O primeiro relaciona-se à sintaxe sociocultural e não lingüística, já o segundo refere-se aos indícios da existência da compreensão, na medida em que a segunda parte do par só pode ser produzida se a primeira for, de alguma forma, entendida.

Os *organizadores globais da conversa* dividem-se em três elementos, a saber: abertura, desenvolvimento e fechamento. Marcuschi (1986) ressalta a importância dos marcadores conversacionais e da organização tópica como elementos fundamentais na organização da conversa.

Os marcadores conversacionais (MCs) são recursos lingüísticos (verbais e prosódicos) e paralingüísticos (não-verbais) utilizados pelos falantes para dar tempo à organização do pensamento, sustentar o turno, monitorar o ouvinte, corrigir-se, reorganizar e reorientar o discurso. Para o ouvinte, os MCs podem ser de grande valia para demonstrar ao falante a concordância ou discordância em relação ao enunciado, atenção ao que está sendo dito, interesse ou desinteresse do tópico, entre outros.

O tópico conversacional é fundamental para a organização da conversa, pois é ele que determina sobre o que os interlocutores estão conversando, contribuindo para a constituição do texto oral. Dionísio (2001), baseando-se em Fávero (1992), concebe tópico discursivo como uma atividade em que há uma certa correspondência de objetivos entre interlocutores e conclui: “*a estrutura tópica é o fio condutor de organização discursiva*” (2001:73)

De acordo com Dionísio (2001), a organização tópica é composta pela *centração* - o conteúdo propriamente dito sobre o que se fala e pela *organicidade* - a relação de interdependência entre os tópicos de uma conversa. A primeira refere-se “*ao conteúdo, ou seja, diz respeito ao falar sobre alguma coisa, e a segunda refere-se às relações de interdependência que são estabelecidas entre os tópicos de uma conversação*”. (op.cit. p.71)

Dionísio (2001) afirma ainda que *as* estratégias de gestão de turnos são elementos que participam da organização da conversa. Segundo ela, essas estratégias vão desde a *troca de turno de falantes*, que podem ser feitas através da passagem de turno e de assalto a ele, até as estratégias de *sustentação da fala*.

A passagem de turnos pode ser requerida pelo falante ou ser consentida. Isso acontece quando há um “Lugar Relevante para a Transição” (LRT). Quando o LRT não é respeitado, temos então um assalto ao turno, que pode ocorrer *com* ou *sem deixa*, termos esses estipulados por Galembeck (1999). O turno *com deixa* ocorre durante hesitações, alongamentos, entonação descendente e pausas realizadas pelo falante que possui o turno. Já o assalto *sem deixa* é aquele em que há uma intervenção brusca com sobreposição de vozes.

Os turnos, em relação ao desenvolvimento do tópico discursivo, podem ser nucleares ou inseridos. O primeiro diz respeito às produções que dão andamento ao tópico discursivo, enquanto o segundo trata das produções marginais em relação ao andamento do tópico discursivo e, por isso mesmo, tem uma função interacional.

Marcuschi, em seu livro “Análise da Conversação” (1986), apresenta um sistema básico para operacionalização da conversa, formulado pelos autores H.Sacks, E.E. Schegloff e G. Jefferson (1974) baseado no sistema de *tomada de turnos* em que se observa:

- troca de turnos;
- em qualquer turno fala um de cada vez;
- a ocorrência de mais um falante por vez é comum, mas breve;
- a ordem dos turnos não é fixa, mas variável;
- o tamanho dos turnos não é fixa, mas variável;
- a extensão da conversa não é fixa nem previamente especificado;
- a distribuição dos turnos não é fixa,
- o número de participantes é variável;
- são usadas técnicas de atribuição de turnos;

- são empregadas diversas unidades constitucionais de turnos: lexema, sintagma, sentença etc;
- certos mecanismos de reparação resolvem falhas ou violações nas tomadas de turnos.

Dionísio (2001), em consonância tanto com Koch (1997), quanto com Mattos (1998), postula que a conversa não tem nada de aleatória e caótica. Ela é construída a cada intervenção dos interlocutores, planejada e produzida localmente. Há uma co-produção dos interlocutores empenhados na produção do texto e nos sentidos. Portanto, a conversação é uma *“atividade semântica, altamente estruturada e funcionalmente motivadora”*. (Dionísio,2001:72)

Marcuschi (1986:06-07) também defende a idéia de que a conversa é altamente organizada:

“evidencia-se pela arquitetura geral da conversação, que ela não é um fenômeno anárquico e aleatório, mas altamente organizado e por isso mesmo passível de ser estudado com rigor científico. Por outro, mostra como essa organização não é reflexo de um processo subjacente, desenvolvido, percebido e utilizado pelos participantes da atividade comunicativa, ou seja, as decisões interpretativas dos interlocutores decorrem de informações contextuais e semânticas mutuamente construídas ou inferidas de pressupostos cognitivos, étnicos e culturais, entre outros.”

O conceito de *história da conversa*, apontado por Mattos (1998), e o de conhecimento mínimo compartilhado, apontado por Marcuschi (1986), parecem compor, de algum modo, o que o sociolinguísta Herbert Clark chamou de *“common ground”*- base comum, ou seja, as crenças mútuas compartilhadas entre os sujeitos construídas pela conversa. Essa base comum faz com que os sujeitos criem um tipo de identificação social pela presença de um ou mais fatores sociolinguísticos: a língua, nacionalidade, grau de escolaridade, profissão, lugar de residência, *hobbies*, origem étnica *etc.*

Embora Clark marque em seus estudos sociolingüísticos a concepção de linguagem restrita à sua função comunicacional, em que a língua é o instrumento de transmissão de conteúdos mentais, interessa, para este estudo, a construção da comunidade de fala a partir do conceito de “*common ground*” proposto pelo autor.

Clark (1996), em seu texto *Usos da linguagem*, afirma que usamos a linguagem para fazer diversas coisas: conversar com um amigo, planejar refeições, discutir política; os professores usam-na para instruir alunos; advogados, juízes para conduzir julgamentos; atores para representar; cientistas, através da palavra escrita, para informar, persuadir *etc.* E no CCA? Utiliza-se a linguagem com quais propósitos?

Pensando na dinâmica de funcionamento do CCA, várias instâncias de uso da linguagem (termo utilizado por Clark) podem ser citadas: para criar laços afetivos, instaurar uma conversa, iniciar e conduzir um jogo (baralho, damas, dominó), discutir política ou outro tema, compartilhar histórias de vida, planejar passeios e almoços, visitar museus, ensinar e aprender técnicas, atuar cenicamente, entre outros.

Clark (1996) afirma que os usos da linguagem pressupõem sempre uma ação conjunta que emerge quando falantes/escritores e ouvintes/leitores realizam ações individuais, coordenadas entre si, fazendo com que ações individuais se integrem, formem um conjunto. Usar a linguagem consiste, portanto, em realizar ações individuais e sociais. Além disso, esses usos acontecem em cenários da linguagem que, segundo ele, dividem-se em cenários da linguagem falada e da linguagem escrita.

No cenário da linguagem falada, de interesse para este estudo, Clark menciona que as conversas face a face ou ao telefone são as que mais frequentemente ocorrem. A depender do uso que se faz da linguagem falada ou escrita, conforme o autor, elas se dão em diferentes lugares, denominados por ele de cenários.¹¹

A conversa face a face, para Clark, funciona como cenário básico do uso da linguagem por dois motivos: primeiro, pelo caráter universal, ou seja, em todas as sociedades existe a

¹¹ *Cenários pessoais* (para conversas de transação de negócio, assuntos científicos, conversas para focos em que há livre troca de turnos entre dois ou mais participantes); *cenários não-pessoais* (monólogos, palestras, pregações religiosas); *cenários institucionais* (assemelham à conversa cotidiana, mas são limitadas pelas regras institucionais); *cenários prescritivos* (ocorrem trocas, mas são estabelecidas de antemão - é um subconjunto do cenário institucional), *cenários ficcionais* (atuação de atores em filmes, peças de teatro, interpretação musical de cantores, *etc.*); *cenários mediados* (apresentador de TV, tradutores, há um intermediário entre a pessoa cujas intenções estão sendo expressas e os destinatários daquelas intenções); *cenários privados* (nos quais as pessoas falam em nome próprio, sem estarem dirigindo-se a mais ninguém).

conversa, diferentemente da linguagem escrita, uma vez que existem sociedades ágrafas; e, segundo, o acesso a ela é comum a todos os sujeitos de uma sociedade, pois para conversar não é preciso ir à escola para aprender, ou seja, não requer nenhum treinamento especial. Isso nos remete à consideração de Levison (1983), para quem a conversa é “o gênero básico da interação humana”. Se houver concordância com esses dois autores a respeito da natureza da conversa, o CCA, enquanto espaço de interação e cenário de uma nova relação com a linguagem, também se confirma como cenário do uso do discurso cotidiano.

Diante desse caráter universal e comum da conversa face a face, Clark & Brennan em (1991), descrevem a presença de dez elementos que caracterizam o cenário básico desse tipo de conversa:

1. co-presença- os participantes compartilham o mesmo ambiente físico;
2. visibilidade – os participantes podem ver um ao outro;
3. audibilidade- os participantes podem ouvir um ao outro;
4. instantaneidade- os participantes percebem as ações (um do outro);
5. evanescência- o meio é evanescente- a fala, os gestos e o direcionamento do olhar desaparecem rapidamente;
6. ausência de registros- as ações dos participantes não deixam registros ou artefatos;
7. simultaneidade- os participantes podem produzir e receber as ações imediata e simultaneamente;
8. improvisação- os participantes formulam e executam ações de improvisação em tempo real;
9. autodeterminação – os participantes determinam para si próprios quais ações tomar e em que momento;
10. auto-expressão- os participantes executam ações sendo eles próprios, ou seja, não estão em um cenário, por exemplo, ficcional, onde atuam como atores.

Naturalmente, é possível fazer algumas ressalvas em relação ao modelo de Clark e Brennan. Por exemplo, os sujeitos não têm o controle ou domínio total de quando e como agir na conversa face a face. As estratégias sócio-cognitivas vão-se estabelecendo no curso da interação verbal, a depender dos propósitos comunicativos e possibilidades de expressão que vão emergindo e modificando-se no fluxo conversacional. Contudo, os sete elementos iniciais (exceto o elemento seis, visto que há registro áudio-visual das ações dos sujeitos) podem bem caracterizar o CCA como cenário básico da conversa face a face, pois a interação entre as pessoas afásicas e não-afásicas ocorrem num mesmo espaço físico: os sujeitos estão reunidos em uma sala, em torno de uma mesa, vêem e ouvem um ao outro e, portanto, refletem o imediatismo da conversa face a face.

Como veremos na descrição e análise de dados apresentadas no próximo capítulo, a conversa, o discurso cotidiano que se constrói no Programa de Linguagem não tem nada de desorganizado ou caótico. Segue a mesma “arquitetura” que a conversa produzida em interações com pessoas não-afásicas. Veremos também a concorrência de estratégias não-verbais nos processos “alternativos” de comunicação e significação que não só os afásicos lançam mão para as ações com e sobre a linguagem. Afinal, como bem assinalado por Marcuschi (1986:08), *“a língua é um dos tantos investimentos, mas não o único, o que permite uma análise de múltiplos fenômenos em seu entrecruzamento”*.

CAPÍTULO III

Metodologia e questões acerca da análise de dados

Em geral, o estudo da conversa face a face está ligado à análise de textos orais produzidos numa situação do dia-a-dia como, por exemplo, situação de espera de duas ou mais pessoas num ponto de ônibus, cumprimento entre vizinhos, encontro de conhecidos em local público ou privado, reunião de amigos *etc.* Neste sentido, busca-se observar os elementos verbais e não-verbais que concorrem para a construção da conversa quotidiana.

A conversa quotidiana, que descrevo e analiso, como já mencionado no início desta Dissertação, refere-se àquela produzida no CCA, no Grupo II, durante o período de julho de 2000 (quando este grupo se formou) a julho de 2001.

O que pretendo demonstrar, na apresentação e análise de dados, é a constituição progressiva do quotidiano e do discurso quotidiano nas atividades desenvolvidas no Programa de Linguagem do CCA. Para tanto, realizo dois tipos de análise: o primeiro refere-se ao apontamento dos momentos em que os recursos metodológicos escolhidos (a agenda pessoal dos participantes e o levantamento e discussão do noticiário da semana) atuavam tanto na constituição de um quotidiano como na do discurso quotidiano no CCA, indicando a presença dos elementos constitutivos desse tipo de discurso: a repetibilidade, a crescente familiaridade entre os participantes, a construção e a partilha de um lugar comum, a heterogeneidade e a confluência de interesses.

O segundo tipo de análise aborda, de forma geral, de que maneira em termos lingüísticos, o discurso quotidiano deixa-se entrever, ou seja, como é a sua dinâmica interativo-textual. O enfoque, neste momento, refere-se aos diferentes movimentos enunciativos, tais como a seleção de temas comuns, a dinâmica de troca de turnos e as posições enunciativas assumidas pelos sujeitos. Para dar visibilidade à representação teórica dos dados, será levada em conta uma transcrição baseada nas normas e anotações utilizadas

no Projeto NURC- Norma Urbana Lingüística Culta¹².

Antes, porém, de iniciar a apresentação e análise dos dados, faz-se necessário explicar os princípios metodológicos do Programa de Linguagem para melhor compreensão das práticas interativas, lingüísticas e discursivas veiculadas no CCA.

3.1 Princípios metodológicos

Os encontros do Grupo II, do CCA, na época desta pesquisa tinham a duração de três horas. No horário estabelecido para início do encontro, os sujeitos dirigiam-se para a sala de reunião, onde se acomodavam à mesa. Geralmente, o encontro era iniciado com o Programa de Linguagem. Primeiramente, os sujeitos cumprimentavam-se, contavam aos demais o que haviam feito durante a semana, retomavam as atividades realizadas anteriormente e assim procediam às demais atividades. Após o Programa de Linguagem, com a duração de aproximadamente uma hora e meia, seguia-se um pequeno intervalo para o café e o grupo retornava com as atividades do Programa de Teatro ou com as do Programa de Educação Física.

Todos os encontros do CCA são registrados por gravação áudio-visual em fitas cassetes e de VHS, material posteriormente digitalizado. Observações ocorridas durante os encontros também são registradas em um diário por pesquisadores ali presentes.

Os recursos metodológicos (*a agenda, a apresentação e a discussão de noticiário, as sessões de música, os jogos entre os participantes* etc), utilizados no Programa de Linguagem, logo mais descritos detalhadamente, não foram escolhidos aleatoriamente para ilustrar a reflexão que aqui se procura empreender.

A escolha deu-se pelo fato de esses recursos constituírem-se meios de exploração dos aspectos presentes no funcionamento da linguagem em rotinas significativas para a faixa etária dos sujeitos em interação no CCA. Além disso, são atividades que, de certa maneira, atuam na comunicação interpessoal, principalmente quando a oralidade encontra-se bastante prejudicada pela afasia, o que acontece com os integrantes do grupo estudado.

¹² Projeto NURC- Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta. É um projeto de âmbito nacional que pesquisa a língua culta falada em cinco capitais brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife e Salvador. Em virtude da ampliação considerável de estudos sobre a modalidade oral da língua, a partir dos anos 80 e 90, bem como a de teorias da Análise da Conversação, houve a necessidade de se estabelecer uma forma de transcrição mais apropriada para os fenômenos emergentes nos estudos da língua falada.

Nas agendas individuais dos sujeitos, eram anotados, muitas vezes pelo familiar ou acompanhante, fatos do dia-a-dia (ida ao supermercado, um passeio realizado, uma visita recebida, alguma notícia vista na TV e considerada interessante, compromissos pessoais *etc*), que mobilizam o discurso e ajudam na construção dos sentidos, pois, como mostrarei nos dados, as anotações presentes na agenda orientavam, em vários momentos, o sentido dos enunciados proferidos pelos afásicos. Desta maneira, a agenda atuava como um suporte para a fala e para a identificação de uma memória discursiva do grupo, já que estimulava ou possibilitava o compartilhar experiências, eventos, propiciando um conhecimento mútuo entre os sujeitos. Além disso, apresentava-se como um elemento de reorganização de funções cognitivas (espaço-temporal, mnemônica *etc*) muitas vezes prejudicadas pelo acidente neurológico, incentivando o afásico à tentativa de trabalhar com diferentes configurações textuais e processos de significação.

O noticiário, por sua vez, tanto local, regional, como nacional e internacional configurava-se como uma espécie de mobilizador de práticas discursivas no CCA, porque era, de certa forma, uma evocação de eventos sociais e culturais próprios ao universo de interesse de sujeitos adultos de centros urbanos e com acesso a distintos meios de comunicação tais como jornal impresso, rádio e, principalmente a televisão, que se mostrou a principal fonte de informação para a maioria dos sujeitos. Pode-se dizer que a apresentação e a discussão de noticiário requer que os sujeitos assumam posições enunciativas em diversos tipos de gêneros discursivos, sejam eles narrativos, descritivos, argumentativos, procedurais. As posições enunciativas demandam ainda um conhecimento pragmático da língua, conhecimento enciclopédico de mundo e também uma reorganização e descoberta de mecanismos para interpretar, intervir e significar o mundo através de atos verbais e não-verbais. As atividades lingüístico-discursivas desenvolvidas a partir dos eventos extraídos pelos sujeitos do noticiário semanal também contribuem para rememorar acontecimentos históricos, políticos e sociais do Brasil e do mundo, a fim de construir no CCA uma identidade de grupo, uma memória cultural em comum, uma prática quotidiana em torno do comentário.

As sessões de música, bem como os jogos adultos (baralho, damas, xadrez *etc*), mostravam-se atividades interativas, não exclusivamente verbais, que favoreciam a descontração entre os participantes, o estreitamento de ações sociais que envolviam, de alguma forma, a linguagem, o reconhecimento de regras e instruções a serem seguidas; além

disso, tais atividades convocavam certas capacidades/funções cognitivas como memória procedural, percepção visual, cálculo, analogia, raciocínio antecipatório *etc.*

3.2 O Grupo II do CCA

No 2º semestre de 2000, foi criado o Grupo II, do CCA, com 14 integrantes: 09 afásicos e 05 não-afásicos (duas professoras do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP- Iem e Imc; a fonoaudióloga do Departamento de Neurologia da Faculdade de Ciências Médicas/UNICAMP- Iic; a professora de Educação Física/mestranda do Programa de Psicologia da Educação- Iff, da Faculdade de Educação, e uma mestranda do Programa de Neurolinguística do Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP- Ilc) .

Este grupo foi formado por sujeitos que há pouco tempo tinham-se tornado afásicos e que, em virtude também do tipo de afasia que apresentavam, (basicamente, Afasia Motora)¹³ estavam ainda bastante consternados com seus efeitos lingüísticos e neuropsicológicos para estabelecer e manter uma interação verbal, como, por exemplo, a conversa cotidiana.

Além disso, esses sujeitos tinham experiências sociais (como letramento, participação em grupos, costumes) bastante diferentes. A grande maioria não tinha hábito de usar a agenda pessoal e proceder à leitura de notícias impressas. Os sujeitos acompanhavam com regularidade o noticiário pela TV ou rádio (isso quer dizer que acessavam de maneira diferente os mesmos eventos ou notícias). Contudo, com o decorrer dos encontros, a utilização da agenda, a leitura coletiva de jornais ou a retomada do uso cotidiano da linguagem escrita (vale lembrar que apenas três sujeitos faziam uso regular dessa modalidade da linguagem), passaram a ser para eles uma interessante aprendizagem social.

Os dados abaixo relacionados referem-se aos elementos sociolingüísticos dos sujeitos afásicos: a cidade de origem, grau de escolaridade, profissão, idade e inserção social. Também

¹³ Morato (2001) baseado nos estudos lingüísticos de Jakobson sobre os tipos de afasia (1954/1981), relata que a característica básica da afasia motora “*é a alteração nos processos expressivos e ou/ articulatórios da linguagem, que se manifesta no nível fonológico através da dificuldade no uso de grupo de fonemas, na construção da sílaba e na transição de um fonema a outro, e de uma sílaba a outra, ocasionadas pela desordem de combinação e contexto. Em termos da frase, o que se nota é a ausência quase total dos conectivos que constituem o contexto gramatical e a permanência de palavras independentes/substantivos: é a chamada “fala telegráfica”*” . (op.cit. p.10)

referem-se às atividades diárias dos sujeitos afásicos, as quais considero importantes serem anunciadas a fim de que se compreenda a heterogeneidade constitutiva da pequena comunidade em que se foi transformando esse grupo do CCA, bem como a diversidade de situações quotidianas levadas ao espaço interacional desse grupo. Com relação aos aspectos neurolingüísticos apresentados pelos sujeitos afásicos nos encontros semanais, apresento no apêndice uma breve descrição de seus quadros afásicos, bem como a de seus comportamentos gerais na época da coleta de dados desta pesquisa.

De maneira padronizada, no LABONE, são utilizadas as siglas com duas letras maiúsculas para identificar os sujeitos afásicos (a primeira letra indica o primeiro nome e a segunda, o sobrenome); a letra I, em maiúsculo, refere-se a “investigador”, seguida de duas letras minúsculas, que indicam o primeiro nome e o sobrenome, para identificar os sujeitos não afásicos.

Os sujeitos que freqüentaram este grupo do CCA, no período desta pesquisa, eram os seguintes:

MA, brasileira, 51 anos de idade, doméstica, escolaridade até o quarto ano do Ensino Fundamental ciclo I, casada, mãe de cinco filhos. Residia em Sumaré (SP), era natural do interior do Maranhão. Sempre trabalhou em torno de afazeres domésticos. Gostava de ir ao culto religioso e não tinha hábito de assistir aos programas de TV.

GF, brasileiro, 57 anos de idade, casado, pai de seis filhos, escolaridade até o quarto ano do Ensino Fundamental ciclo I. Residia em Campinas (SP) há vários anos, era natural do interior da Bahia. Trabalhou como mecânico em tecelagem por um breve período de tempo, dedicando-se posteriormente à atividade de cantaria, ou seja, colocação de pedras ornamentais em construções. Após Acidente Vascular Cerebral, passou a acompanhar seu filho mais velho na prestação de serviço. Diariamente, assistia ao noticiário televisivo matutino e noturno. Comentava com o grupo as notícias que mais lhe tinham chamado a atenção durante a semana. Às vezes, folheava jornal impresso levado nos encontros por outros sujeitos. Passou por períodos depressivos; por esse motivo, interrompeu suas idas ao grupo.

IS, brasileira, 60 anos de idade, casada, mãe de duas filhas. Natural de Araçatuba (SP), mas há anos residente na cidade de Cosmópolis (SP). Professora aposentada com graduação em Pedagogia, sempre trabalhou com classes em período de alfabetização.

Bastante participativa, introduzia temas, mostrava sua opinião na discussão dos noticiários, levava fotos de viagem realizada para compartilhar com o grupo e também fotos de bailes dançantes frequentados com o marido. Este era vendedor, por isso ela acompanhava-o nas viagens a trabalho pela região de Campinas. Como seu esposo sabia cozinhar muito bem, ela levava várias receitas para o grupo: lasanha, bacalhoda, ovos de páscoa, entre outras.

AC, brasileiro, 66 anos, caminhoneiro aposentado, escolaridade até o quarto ano do Ensino Fundamental ciclo I, casado, pai de cinco filhos. Residia há vários anos na cidade de Sumaré (SP). Dedicava-se às atividades de pedreiro e carpintaria em sua casa, além de cuidar de plantas e cultivar hortas. Sempre com senso de humor, participava das atividades levando notícias sobre futebol brasileiro (em jornal impresso), tema sobre o qual gostava muito de conversar. AC era o consultor de jardinagem do CCA- orientava sobre tipo de plantas para o canteiro e de que modo deveria ser feito o plantio. Não fazia uso de agenda, pois achava desnecessário. Quando precisava lembrar-se de algum passeio, almoço festivo no CCA ou qualquer outro compromisso coletivo, pedia para que a anotação fosse feita em um papel.

OS, brasileira, 61 anos, casada, mãe de dois filhos, artista plástica e professora de pintura, com formação em nível superior. Residia na cidade de Campinas (SP). Geralmente, levava em sua agenda anotações feitas pelo marido ou pela filha, a respeito dos programas de TV a que assistia e notícias que demonstrava interesse em compartilhar com os demais. Levou, em alguns encontros, telas que estava pintando. Os integrantes do grupo, certo dia, foram conhecer seu ateliê, em sua casa. Foi um momento inesquecível e emocionante tanto para a artista como para o grupo, que prestigiou as pinturas em telas e porcelanas. Em fevereiro de 2001, OS veio a falecer após complicações cardíacas.

RR, brasileira, 36 anos, doméstica, com escolaridade até a sétima série do Ensino Fundamental ciclo II, casada, mãe de uma filha. Nascida no interior do Maranhão, logo jovem foi morar no Rio de Janeiro, onde residiu por muitos anos. Trabalhou em supermercado etiquetando preços. Mudou-se para Campinas (SP) há alguns anos. Usava a agenda para anotar compromissos como consulta médica, dias festivos e informes gerais do CCA. Como tinha dificuldade na linguagem escrita, conseguia fazer as anotações com ajuda de um interlocutor (marido, terapeuta ou sujeitos não-afásicos do CCA). Participava ativamente das atividades, em especial dos comentários sobre as novelas da Rede Globo a que assistia. Acompanhava noticiários televisivos, mas não tinha hábito de ler jornais.

OM, brasileiro, 60 anos, casado, pai de dois filhos, motorista aposentado, com Ensino Fundamental ciclo I completo. Residia há muitos anos em Campinas (SP). Trabalhou longo período de sua vida no transporte escolar. Gostava de ficar em sua chácara cuidando dos animais e plantas. Costumava levar artigos de jornais com reportagem sobre dicas de uma vida saudável: alimentação, atividades físicas, entre outras. Gostava de contar para o grupo suas idas à chácara aos finais de semana.

GC, brasileira, 66 anos, costureira, viúva, mãe de cinco filhos, com Ensino Fundamental ciclo I completo. Residia na cidade de Indaiatuba (SP). Após o acidente neurológico, passou a dedicar-se somente às atividades domésticas. Viajava frequentemente com os filhos. Levava em sua agenda recortes de noticiários para compartilhar com o grupo e anotações feitas pela sua filha a respeito de passeios realizados com a família aos finais de semana. Levava, também anotadas, receitas de doces para trocar com os demais.

CF, brasileira, 44 anos, terapeuta ocupacional, ensino superior completo, solteira, residente em Piracicaba (SP), onde exerceu por vários anos a profissão de terapeuta ocupacional no Centro de Reabilitação Municipal. Gostava muito de cantar, viajar, conhecer museus. Após o episódio neurológico, passou a realizar diversas atividades físicas (hidroginástica, natação e caminhada). Gostava de fazer bolo e trocar receitas culinárias com o grupo. Usava a agenda para anotar compromissos pessoais, endereços e telefones das pessoas, fatos de seu dia-a-dia que, às vezes, eram compartilhados com o grupo. CF sempre levava noticiário impresso com temas diferentes; porém, um que lhe chamava a atenção em especial era o acometimento cerebral (causado por Acidente Vascular Cerebral ou traumatismo crânio-encefálico) de pessoas famosas na mídia como atores, cantores e locutores. CF motivava os demais sujeitos do grupo a fazerem atividades físicas e comentava sobre os benefícios que alcançara na movimentação de membros hemiplégicos através da hidroginástica. Mantinha atitudes encorajadoras para que os afásicos continuassem na interlocução.

CAPÍTULO IV

Análise de dados: descrição e análise dos encontros do grupo II – julho de 2000 a julho de 2001

“(...) os participantes do ato conversacional engajam-se na conversação porque têm o propósito de interagir. Reciprocamente, é o desenrolar da conversação que possibilita a continuidade da interação. Assim sendo, (...) a conversação é o palco privilegiado da interação.”

(Brait, *In Análise de textos orais*, 1999:213; ênfase minha)

Descrevo, a seguir, o total de 20 encontros que ocorreram, como já apontado ao longo deste trabalho, no período de julho de 2000 a julho de 2001. Pretendo mostrar, através do relato dos encontros, como se dão as práticas interativas e discursivas do Programa de Linguagem, bem como os temas levados pelos sujeitos ao espaço discursivo do CCA, os quais podem expressar, primeiramente, aquilo que lhes faz parte de seu cotidiano, e, segundo, “o saber de um mundo narrável e argumentável” (Mattos, 1998), elementos esses que estão na base da construção do discurso cotidiano.

O intuito em descrevê-los é também mostrar o percurso longitudinal e gradativo da construção do cotidiano do Grupo II, através dos recursos metodológicos destacados, e deflagrar os movimentos constitutivos do discurso cotidiano nesse grupo. Como veremos, tal discurso permite a formação do “*commom ground*”- o lugar-comum que leva os sujeitos a uma identificação de comunidade de fala para além da primeira característica que os identifica enquanto grupo: a condição afásica.

Nesse percurso, chamo a atenção para as posições enunciativas assumidas pelos sujeitos que se vão modificando em virtude de vários fatores: a desinibição para se posicionar,

melhora do quadro afásico, a construção de conhecimentos compartilhados e apreensão do modo particular das estratégias comunicativas que facilitam a interlocução, a construção de uma história de grupo etc.

A seguir, apresentarei a descrição dos encontros, bem como uma análise do que neles ocorrem: tomemos, então, os três primeiros encontros.

1º encontro: 10.07.2000

Estiveram presentes nesse encontro do CCA os sujeitos: RR, OS, OM, AC, MA, IS, Iem, Iic, Imc, Ilc. Inicialmente, Iic explicou que aquele era o segundo encontro do grupo e sugeriu uma nova apresentação, em que cada um dissesse o próprio nome e o da cidade onde morava, visto que alguns componentes não haviam participado da reunião anterior. Iem sugeriu também que cada participante falasse aos outros sobre sua profissão e o que gostava de fazer nos momentos de lazer. Lançou a idéia de cantarem juntos no próximo encontro e que, para isso, levaria o violão e cancioneiros. A proposta foi aceita pelo grupo, que teve as atividades suspensas por duas semanas, em julho, em virtude da greve ocorrida na universidade.

2º encontro: 31.07.2000

Os encontros foram retomados após quinze dias em função da greve universitária. Estiveram presentes CF, IS, Iem, Iic e Ilc. CF perguntou a Iem por que os demais não haviam comparecido. Iem respondeu que poderia ter ocorrido uma confusão com as datas e indagou aos participantes como haviam passado as férias e quem havia assistido, no final de semana, à vitória do corredor brasileiro Rubens Barrichelo, no Grande Prêmio da Alemanha. IS respondeu que havia assistido. Neste dia, Iem levou para o grupo um violão e demais instrumentos musicais, conforme combinado. Explicou as origens dos instrumentos afoxé e caxixi. Sugeriu a IS e CF que acompanhassem a música com esses aparatos. Iem levou também dois cancioneiros para que o grupo escolhesse algumas músicas. Foram escolhidas as seguintes músicas: *Asa branca*; *Ô, abre alas*; *Trem das onze*; *No rancho fundo*; *Tai*; *O menino da porteira*; *Carinhoso*; *O xote das meninas*; *A praça*; *A marvada pinga*.

3^o encontro: 14.08.2000

Iem e Imc comentaram com o grupo que fariam uma viagem ao exterior para participar de um congresso, no qual divulgariam as atividades realizadas no CCA. Forneceram várias pistas para que os sujeitos adivinhassem o lugar. A principal dica foi dada por Imc, que disse aos participantes que o nome do país relacionava-se com o time de futebol pelo qual AC torcia. CF disse “Palmeiras”. Imc comentou ainda que, geralmente, os torcedores palmeirenses eram descendentes de italianos. CF completou a fala de Imc dizendo “Itália”. Iic comentou sobre sua ascendência italiana, contando que seus avós vieram da região de Treviso. Imc mostrou, utilizando um globo terrestre, onde ficava o país e o itinerário da viagem de ambas. O grupo passou a discutir sobre vários aspectos da influência da cultura italiana no Brasil. Iem, por exemplo, lembrou que, durante a década de 60, houve uma explosão da música italiana com a cantora Rita Pavone. CF e IS recordaram tal momento. Iem também comentou que a novela “Terra Nostra”, transmitida pela Rede Globo, contava um pouco da chegada dos italianos ao Brasil, seus costumes, hábitos, comidas etc. CF comentou que adoraria viajar de avião, mas que para isso precisaria falar.¹⁴ Esse tópico levou o grupo a conversar sobre viagens. Iem perguntou aos participantes para onde gostariam de viajar. Depois que todos comentaram a respeito dos lugares favoritos, Imc indagou-lhes se havia alguma notícia da semana sobre a qual gostariam de comentar. AC mostrou-lhes uma reportagem sobre ratos devoradores de bolachas em creches, na cidade de Campinas (SP). Após vários comentários sobre esse assunto, decidiram jogar uma partida de dominó para finalizar o encontro. MA não quis participar do jogo; apenas assistiu a ele. Novamente, os encontros foram suspensos por quinze dias em virtude das férias.

¹⁴ Conforme estudo realizado por Viscardi (2005) sobre o estatuto neurolingüístico do automatismo, “a produção oral de CF é caracterizada pela produção de um automatismo formado por um segmento que não constitui uma palavra presente na língua do falante: *esaw*. Este segmento pode ser produzido tanto de forma repetida, constituindo *esaw esaw*, como também pode ser produzido uma única vez. Estes segmentos são produzidos quase todo o tempo em sua fala, preenchidos por uma rica marcação prosódica (...)” (op.cit. 50)

Como observamos na descrição desses três primeiros encontros, as atividades do Programa de Linguagem foram iniciadas principalmente pelos investigadores que introduziram os temas, mantiveram, mudaram ou acolheram o novo tópico conversacional. Além disso, convocaram os afásicos para tomarem seus turnos, procurando organizá-los e valorizando os comentários levantados no espaço discursivo. Apenas CF (que já contava com uma experiência de participação do outro grupo do CCA) apresentou, no segundo encontro, uma postura diferente dos demais membros, introduzindo temas e comentários. Pode-se considerar que a postura menos propositiva dos afásicos, nesses encontros iniciais, ocorreu pelo fato de que era a primeira experiência de grupo, e, ainda, o contato com a agenda e o levantamento do noticiário, especialmente impresso, tinham sido pouco explorados ou experimentados por eles de uma forma regular e sistemática. Quero dizer com isso que, no início desse grupo, praticamente, pouco havia de cotidiano para eles no CCA. Isso justificava-se por dois motivos: primeiro, estavam realizando atividades que não faziam anteriormente; segundo, ao se tornarem afásicos, geralmente o cotidiano dessas pessoas encontra-se bastante alterado, seja pelas seqüelas de ordem neurológica (por exemplo, uma hemiplegia de braços e pernas impede atividades cotidianas como o banhar-se, o alimentar-se de forma independente), seja pela afasia. Vale salientar que nesse momento é comum não lhe dirigirem a palavra, evitarem a interação verbal (por parte dos próprios afásicos e também dos possíveis interlocutores já que requer paciência, atitude cooperativa, interesse em comunicar-se, entre tantos outros fatores), tomar a palavra do afásico e mesmo falar por ele.

Outro ponto a destacar no momento diz respeito ao ritual que se preconizava já nos primeiros encontros do grupo, mesmo que especialmente introduzido pelos não-afásicos: a disposição corporal dos sujeitos em torno de uma mesa, os cumprimentos nas situações de chegada e de despedida, os procedimentos discursivos próprios a reuniões sociais: escolha de interlocutores; acordos decididos coletivamente sobre atividades que seriam feitas no encontro seguinte, a retomada daqueles já estabelecidos *etc.*

Há, pois, indícios de que, na realidade, eram também rituais da conversa cotidiana que começavam a surgir, ainda que inicialmente convocada pelos não-afásicos com a retomada das atividades realizadas no encontro anterior, os comentários a respeito do que cada um fez na semana, procedimentos finalisticamente orientados para propósitos de convivência e fortalecimento de quadros interativos, principalmente neste momento de constituição do

grupo, no qual os afásicos estavam ainda bastante impactados pela afasia e suas conseqüências.

No 3º encontro observou-se como o tema “ascendência e cultura italiana” suscitou a progressão temática e maior participação dos afásicos no fluxo conversacional, embora a distribuição de turnos estivesse, até o momento, sob a responsabilidade dos não-afásicos. É provável que isso tenha se dado em função dos conhecimentos enciclopédicos que a maioria dos sujeitos tinha a respeito da cultura italiana, pois alguns eram descendentes de italianos e, além disso, acompanhavam, na época, uma telenovela da Rede Globo que trazia em seu enredo a colonização italiana no Brasil.

Vejamos a seguir o que ocorre no 4º, 5º, 6º e 7º encontros.

4º encontro: 18.09.2000

Os sujeitos discutiram várias notícias a respeito das campanhas eleitorais das cidades onde moravam. Iic comentou que sua mãe era candidata a vereadora na cidade de Tietê (SP). IS levou o jornal de Cosmópolis (SP), com fotos de candidatos conhecidos, que já foram seus colegas de trabalho e ex-alunos, e mostrou também ao grupo seus candidatos escolhidos. CF disse que não estava acompanhando a política na cidade de Piracicaba (SP). AC mostrou-se também desinteressado pela campanha política em Sumaré (SP). Imc comentou sobre resultados da pesquisa de IBOPE da campanha eleitoral na cidade de Campinas (SP). Iem contou que em São Paulo e em Santos (SP), o PT tinha grandes chances de eleger os prefeitos. Após os comentários sobre as eleições municipais, Iem mostrou um jornal com os últimos resultados das Olimpíadas, outro assunto “palpitante” do noticiário da época. Os sujeitos comentaram o péssimo desempenho do futebol masculino brasileiro. AC relatou, com a ajuda de um desenho, a construção de um muro que construía ao redor do jardim de sua casa.

A transcrição que se segue abaixo foi extraída de um momento desse encontro. O grupo já havia discutido bastante sobre o tema “eleição” quando, então, Iem deu indícios de que desejava finalizar o tópico e passar o turno conversacional para Imc.

- 01 Iem então cada um traz na próxima semana o santinho de seu candidato tudo bem?
 ((olhando para todos do grupo))
 você também tá Ilc ((Ilc estava um pouco afastada da mesa.))
 ((Iem apontou o dedo para Imc como que esperando a confirmação de Imc para a proposição que fizera ao grupo))
- 05 Imc é é Campinas tá mudando um pouco (...)
- CF aí ahn e saw e saw e saw ((CF realizou uma entonação de discurso político em comício e fez gestos como os dos braços do político em palanque: mãos cerradas e movimento semelhante de quem tem certeza das coisas, “pulso firme”, cumpre o que fala))
- Imc ah o comício?
- 10 CF é
- Imc se eu fiz o comício?
- Iem você falou que iria participar de um comício...
- CF ((risos))
- Imc não não houve o comício ((tom afirmativo))
- 15 CF esaw esaw hein? ((tom de lamentação e logo após tom de pergunta, provavelmente para saber o motivo da não realização do comício))
- Imc ele tá tão bem em Amparo que não precisou
 vai deixar para o segundo turno

Observamos na transcrição desse trecho a organização de turno a turno entre afásicos e não-afásicos. Nota-se que Iem, na linha (03), fez a transição de turno para Imc através de um recurso não-verbal (apontando o dedo para Imc). Imc aceitou e tomou a palavra prosseguindo no tema, e logo em seguida, CF assaltou o turno¹⁵ de uma maneira prosódica e gestualmente, retomando para si e para o grupo um item da memória comum sobre o fato de Imc ter comentado, em encontro anterior, sua provável participação num comício de um amigo candidato na cidade de Amparo (SP). Nota-se, aqui também, como o conhecimento compartilhado atuou na sustentação e seqüência da conversa: Imc fez uma seqüência inserida do tipo pergunta-resposta para esclarecimento de sua dúvida com relação ao assunto do qual tratava CF. A conversa prosseguiu à seqüência coordenada de turnos com pares

¹⁵ Segundo Galembeck (1999:74), o assalto ao turno “é marcado pelo fato de o ouvinte intervir sem que a sua participação tenha sido direta ou indiretamente solicitada. Em outras palavras, o ouvinte “invade” o turno do falante fora de um lugar relevante de transição (LTR) ...”.

conversacionais de pergunta-resposta do tipo sobre algo (ou pergunta aberta), a partir do momento em que Iem forneceu uma resposta confirmando a hipótese interpretativa de Imc (linha 12). É possível ainda analisar o enunciado de CF na linha (04) como a retomada de um item da memória comum ao grupo, que foi a possibilidade de Imc participar de um comício, transformando, dessa forma, pela conversa, o novo em repetido (em memória), ao mesmo tempo que depende do repetido para criar o novo (acontecimento) e seguir adiante na interação. Esse movimento discursivo ilustra o que Mattos (1998:31) afirma sobre a constituição do cotidiano pela mistura do presente e da memória: *“quando se fala na vida cotidiana, muita coisa se retoma; quando se relembra, muita coisa se atualiza, se quotidianiza”*.

5^o encontro: 02.10.2000

Os comentários e tópicos desse encontro giraram em torno do resultado das eleições municipais das cidades onde os sujeitos afásicos e não-afásicos votaram. Comentou-se sobre a vitória petista em diversas cidades brasileiras, principalmente nos grandes centros. CF contou que não votara, pois não havia atualizado seu título eleitoral em tempo hábil. AC relatou (com ajuda da escrita) que votara nos candidatos do partido PPB (atualmente PP), na cidade de Sumaré (SP), mas que seus candidatos não foram eleitos. IS contou ao grupo que, em Cosmópolis (SP), vencera o candidato a prefeito pelo PT. Iic comentou com o grupo que sua mãe não fora eleita. Tendo o grupo “esgotado” esse assunto, Iem e Imc mostraram para o grupo a reportagem sobre a saída do técnico Wanderley Luxemburgo da seleção brasileira de futebol devido à acusação de enriquecimento ilícito através de envolvimento na comercialização de jogadores. Os participantes, em meio à discussão sobre esse assunto, recordaram os técnicos que já dirigiram nossa seleção e discutiram qual seria o melhor sucessor para o posto de Luxemburgo. Além desse assunto, o grupo também conversou a respeito da falta de incentivo governamental aos atletas brasileiros. Após a discussão dos noticiários, o grupo, ao final do encontro, jogou palavras-cruzadas e CF ficou encarregada de anotar os pontos e fazer a somatória ao final do jogo.

6º encontro: 23.10.2000

Estiveram presentes no encontro do CCA os sujeitos CF, AC, IS, GC, Iem, Imc, Iic, Ilc. Iem solicitou a GC que contasse ao grupo sobre as atividades desenvolvidas no encontro anterior. Após a retomada dos acontecimentos, AC mostrou aos companheiros um jornal que continha o resultado de derrota do Palmeiras contra a Ponte Preta e a vitória do Fluminense sobre o Corinthians. Iem comentou a respeito da morte de crianças e idosos no conflito entre judeus e palestinos no Oriente Médio, e sobre a queda do bondinho do Pão-de-Açúcar no Rio de Janeiro. “Foi a deixa” para que RR dissesse que não gostava dessa cidade devido à grande violência urbana. Após os comentários sobre o noticiário da semana, o grupo jogou carteadado.

7º encontro: 05.11.2000

GF levou alguns cartões de visita para distribuir ao grupo e falou um pouco sobre seu trabalho de cantaria. AC contou que estava terminando um muro em sua casa e GF brincou com ele, dizendo-lhe que colocasse pedras decorativas no mesmo. O grupo riu e AC disse que “não”, não faria isso. CF aconselhou GC a fazer exercícios na piscina para melhorar o movimento de pernas e braços, pois isso ajudara bastante na recuperação de seus movimentos. CF fazia hidroginástica desde 1995, e os resultados mostravam-se positivos.

Vê-se nos relatos acima, como alguns temas levados pelos sujeitos ao espaço interacional do CCA (as campanhas eleitorais nas cidades onde os sujeitos moravam e o futebol brasileiro) começaram a ser recorrentes e produtivos para o engajamento, principalmente dos não-afásicos, no turno conversacional, ora introduzidos pelos não-afásicos, ora pelos afásicos. O grupo vai se constituindo enquanto tal pragmaticamente, sócio-cognitivamente, discursivamente. Observa-se ainda o recurso metodológico do noticiário na composição do cotidiano desse grupo. Isto remete à afirmação que Mattos fez acerca da participação da conversa na construção do cotidiano: “*a conversa (esse ato do cotidiano) preenche e constrói o cotidiano*” (1998: 36). O movimento de retomada, de repetibilidade desses temas vão construindo o discurso cotidiano no grupo.

Vale, ainda, salientar a presença também de interação entre dois afásicos: GF e AC

ocorrida no 7º encontro. Observa-se que, paulatinamente, os afásicos foram tornando-se mais propositivos e confiantes para estabelecer turnos conversacionais inclusive com outros afásicos, não se restringindo à díade: afásico- não-afásico.

8º encontro: 11.12.2000

Os sujeitos comentaram sobre o que fizeram no final de semana. IS contou para os demais participantes que o marido estava com pneumonia. O grupo I havia elaborado um cartão de Natal coletivo para todos os integrantes do CCA e fixado-o no mural. Iic, então, leu para o grupo II as felicitações enviadas e sugeriu-lhes que fizessem o mesmo. O grupo concordou e começaram a escrever. IS, CF e RR anotaram seus votos no cartão com ajuda de Iic. AC recusou-se a escrever, apenas assinou o cartão. CF observou que IS escrevia melhor que ela e, por isso, cumprimentou-a. CF perguntou por que algumas pessoas escreviam melhor que outras, e perguntou a IS há quanto tempo havia tido o AVC. Iic explicou-lhe que as dificuldades com a escrita eram diferentes, assim como também as experiências sociais de uso da escrita. Após a explicação, Iic comentou sobre a festa de encerramento no dia 21/12/2000 e como o grupo poderia organizar-se para levar os comes e bebes para o evento. Decidiram fazer uma lista para anotar o que cada um gostaria de levar.

9º encontro: 21.12.2000

Esse dia foi o último encontro do ano. Estiveram presentes os sujeitos do Grupo I e II, além de familiares e amigos. O CCA tradicionalmente realiza três festividades no ano: a primeira delas é a festa de início das atividades do ano, que coincide geralmente com o Carnaval, a segunda é a Festa Junina e a terceira, a Festa de Natal. A proposta da realização desses eventos é levar para o espaço de convivência do CCA, práticas sociais e culturais do Brasil e do mundo porque estão também inundadas de rituais que promovem o fortalecimento dos quadros interativos no CCA.

Os dois encontros a seguir marcam o início das atividades do ano de 2001. Como observaremos, os temas levados ao espaço discursivo dizem respeito ao que os sujeitos fizeram durante o Natal e Ano Novo. Vejamos.

10^o encontro: 08.01.2001

Início das atividades do ano de 2001. Estiveram presentes Iem, Iic, GC, CF e AC. Neste primeiro encontro, os participantes comentaram sobre as festividades do final de ano e Iem levou fotos e postais de sua viagem ao Peru e um livro histórico sobre o lugar. Como parte das práticas de convivência do grupo, CF mostrou a Iem a agenda que ganhara da dentista, apontando suas particularidades e as anotações pessoais no cabeçalho. Iem perguntou ao grupo quais eram os integrantes que não tinham comparecido no encontro anterior. AC respondeu que não sabia sobre os demais e CF questionou o porquê do grupo I ter mais participantes que o grupo II. Iem ponderou-lhe que a frequência dos sujeitos dependia de vários fatores: a disponibilidade individual, a locomoção (os sujeitos do grupo II moravam em cidades próximas a Campinas (SP) e, portanto, nem sempre era fácil conseguir transporte para locomover-se), entre outros. AC contou que passara o final de ano em Sumaré (SP), cidade onde residia, mas que não gostava muito dessas festividades. CF contou que viajara para a cidade de Bandeirantes, no estado do Paraná, a fim de assistir à união de seu primo agrônomo com uma médica. Relatou ainda que na festa do casamento houvera muita dança. GC comentou que passara o final de ano na cidade onde morava – Indaiatuba (SP) - e que iria mudar de casa por motivo de desentendimento de seu filho com a nora, os quais moravam com ela. AC comentou sobre o ocorrido com GC, dizendo que cada filho deveria ter sua casa. Iic disse que passara as festividades com os familiares em Tietê (SP), cidade onde nasceu.

11^o encontro: 15.01.2001

Neste encontro, estiveram presentes Imc, Iic, CG e CF. Esta iniciou o encontro utilizando a agenda para contar, a Imc, que não estivera no encontro anterior, sobre sua viagem ao Paraná para assistir ao casamento de seu primo. Contou ainda que iria a outro casamento, em Bandeirantes, de uma prima que estava grávida. Para isso, remeteu-se à agenda, na qual havia desenho de estetoscópio e anotação de algumas palavras. Imc, necessitando de maiores informações para atribuir sentido às produções de CF, a fim de progredir no tema, perguntou a GC, que estivera presente no encontro anterior, o que sabia a

mais daquilo que CF tinha enunciado. GC respondeu que nada sabia. CF, inconformada com a resposta de GC, decidiu utilizar a agenda para orientar a compreensão de Imc.

- 01 CF ó ((abriu a agenda na página que apresentava as anotações do episódio que estava tentando contar à investigadora))
tan, tã, tantantan ((cantorolou a melodia de uma marcha nupcial))
- Imc ah... mas ((tom de adivinhação))
- 05 CF é saw esaw ésaw ((tom de deboche))
- Imc cê acha que eu sô o quê?
que eu adivinho tudo?
tá escrito aqui na agenda BAN-DEI-RAN-TES ((mostrando a anotação para GC))
Bandeirantes é o quê?
- 10 sua cidade no Paraná
ela foi ela foi pra um... ((dirigiu-se para CF, mostrou o anel em seu dedo e fez movimento circular indicando uma aliança))
- CF CA-SA-MEN-TO
aí óh ((apontando para sua boca))
- 15 Imc seu primo que se chama como...
como chama seu primo?
- CF Rodrigo
- Imc qual é a profissão dele?
- CF é... ((apontou para o papel em que estava escrito agronomia))
A-GRO-NO-MO
- 20 Imc É
- CF ó ((apontou novamente para o papel no desenho do estetoscópio))
- Imc você dançou com o médico?
- 25 CF Não
tan tã tantantan ((cantorolou a melodia de uma marcha nupcial))
- Imc noiva?
- CF É
- Imc noiva é médica?
- 30 CF ((fez movimento afirmativo de cabeça))
- Imc hum tá bom
agora faz sentido depois de olhar a agenda

Este dado é capaz de mostrar como a agenda pessoal contribuiu significativamente para a construção de sentido dos enunciados proferidos por CF, permitindo, dessa forma, que um acontecimento do seu cotidiano fosse compartilhado com Imc e retomado com os demais. Além disso, pode-se observar como o uso de recursos expressivos, disponíveis na situação enunciativa e reconhecidos como válidos para o interlocutor, organizaram o fluxo conversacional e a troca de turnos de falantes mesmo na presença de grande dificuldade na oralidade, como ocorre com CF. Segundo Brait (1999:195), a propósito dos recursos utilizados pelos enunciadoreis:

“Não se trata, portanto, de produzir enunciados para um falante da mesma língua, com o intuito de trocar informações, mas de organizar a fala de maneira a compreender e a se fazer compreender. Isso implica a mobilização, além do instrumental lingüístico oferecido pela língua enquanto sistema, de normas e estratégias de uso que se combinam com outras regras culturais, sociais e situacionais, conhecidas e reconhecidas pelos participantes do evento conversacional.”

O ato de CF retomar no grupo o evento pessoal da viagem para assistir ao casamento de seu primo revela o traço típico da repetibilidade que sustenta a conversa.

“(...) podemos dizer que a conversa seja sustentada não pelo novo, mas pelo repetido. Se houvesse sempre o “novo”, não haveria conversa, mas aula. (...) No discurso cotidiano, o retomado são o cotidiano vivido e o sempre-presente, o que faz com que a progressão desse tipo de discurso não implique não-repetição nem coerência linear: conversar é comentar, ato que traz em seu bojo a repetibilidade.” (Mattos, 1998:37)

CF, depois desse episódio, continuou utilizando a agenda para contar as atividades que estava fazendo diariamente (a natação e a hidroginástica). GC comentou também que fazia

hidroginástica em sua casa. CF mostrou ainda várias reportagens arquivadas por ela sobre pessoas famosas que sofreram um traumatismo craniano ou Acidente Vascular Cerebral e ficaram afásicas com alterações motoras. Nessas reportagens, estavam relatados os momentos difíceis de cada caso, os tratamentos realizados e como viviam atualmente. CF propôs ao grupo que Iem lesse em voz alta a história do “Super Man”, interpretado pelo ator C. Reeves. Iic disse que as alterações advindas do acometimento cerebral poderiam tornar certas atividades diárias mais difíceis, mas que não eram impossíveis de serem realizadas. O grupo relembrou a história de alguns famosos brasileiros, como Osmar Santos, que sofreram danos neurológicos. Entre uma história e outra, CF relatou a sua, identificando-se com os depoimentos lidos. GC comentou novamente sobre a possibilidade de mudança de residência em virtude de desentendimentos entre seu filho e a nora.

Tomemos a seguir os encontros: 12º, 13º e 14º.

Observemos, nos próximos encontros, como os recursos metodológicos parecem cumprir de fato com a construção do cotidiano no CCA: a agenda ora serve como suporte para fala, ora para rememorar e contar ao grupo eventos pessoais; o noticiário, por sua vez, mostra-se bastante presente. A maioria dos afásicos apresentaram notícias que recapitulavam temas anteriormente debatidos pelo grupo ou outros considerados interessantes para levar ao espaço discursivo. Observa-se, dessa maneira, como temas diversos (futebol, pessoas famosas que tiveram graves problemas de saúde, viagem, entre outros) mantiveram-se durante vários encontros. Presume-se que essa manutenção pode ocorrer em virtude do *saber* sobre um discurso, ou seja, “*aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva*” Foucault (Apud Mattos, 1998:82)

Dirigimo-nos para as descrições.

12º encontro: 22.01.2001

Iem iniciou o grupo contando que a Prefeitura da Universidade colocara algumas estacas no jardim do CCA e que tal deveria ter prejudicado o replantio realizado no final do ano de 2000, perguntando a AC se ficara sabendo do acontecido. Ele respondeu que não. IS retornou ao grupo pela primeira vez no ano e Iem relatou a ela, junto com os demais, o que

havia ocorrido nos dois encontros que não presenciara. IS contou que estivera viajando e, por isso, não pudera participar dos encontros. Viajara para Santa Catarina para visitar alguns parentes. Iem perguntou ao grupo se alguém levava notícias de jornal e/ou revistas. AC levou notícias sobre os resultados do Campeonato Paulista e os da Copa Mercosul. Na leitura dos mesmos, GC e IS disseram que o seu time Corinthians iria reagir, pois até aquele momento estava com os jogos empatados. Por sua vez, AC festejou o bom desempenho do Palmeiras. Iem indagou qual outra notícia tinha chamado a atenção dos participantes, além do futebol. GC, então, mostrou a revista VEJA com a reportagem sobre o estado de saúde do governador Mário Covas. A reportagem exibiu também outros políticos que tiveram câncer e foram curados. Brevemente, fez-se uma retrospectiva dessas pessoas: Quércia, Maluf, Clinton. No contexto, abordou-se o enredo da novela da Rede Globo– “Laços de Família”: a luta de uma moça e sua família para a cura da leucemia. IS levou notícia sobre o incêndio do cenário do programa da apresentadora Xuxa, assunto este polêmico na época. Comentaram a causa do incêndio, a responsabilidade da Rede Globo com o ocorrido e como se dera o salvamento das pessoas presentes no local. O grupo continuou com a discussão das notícias. CF comentou sobre a tecnologia sofisticada de uma cadeira-de-rodas que tornava a vida dos deficientes físicos mais independentes. Iem levou uma reportagem regional sobre o que os prefeitos recentemente eleitos estavam fazendo logo que assumiram o cargo no início do ano. CF lembrou e abordou a questão sobre a rebelião no presídio de Piracicaba (SP). IP (integrante do grupo I que estava visitando o grupo II) presenteou Imc, Iem e Iic com sabonetes decorativos confeccionados por ela. Os integrantes tiveram grande interesse em saber como eram feitos e IP propôs ensinar-lhes a técnica. Ficou combinado que, no próximo encontro, IP faria uma demonstração ao grupo da confecção dos sabonetes.

13^o encontro: 29.01.2001

Compareceram, neste dia, Imc, Iem, Iic, IS, GC e IP. Iem apresentou aos participantes algumas novidades e propostas a serem definidas com eles para o ano de 2001. Iem explicou que, em virtude da greve universitária, o período de férias seria diferente do habitual. Começariam no mês de fevereiro e os encontros retornariam em março. Imc sugeriu-lhes que o horário de início fosse modificado em decorrência de sua aula na Graduação. O grupo

concordou. Iem comentou que o grupo I solicitara um trabalho fisioterápico a ser realizado no CCA e que fora feito contato com fisioterapeuta do HC –UNICAMP, cuja proposta era desenvolver um trabalho em grupo, adaptando-o às necessidades de cada um. Iem comentou também que estava sendo verificada a proposta de serem desenvolvidas atividades com dança na Faculdade de Educação Física. Sabendo do interesse de CF pelo assunto, Iem mostrou-lhe reportagem da Folha de São Paulo sobre a dança do ventre e as vestimentas usadas pelas bailarinas no Egito e no Brasil. IS compartilhou com os integrantes as fotos dos passeios que fizera na última ida a Santa Catarina, já comentada no encontro anterior. Levou também fotos do seu aniversário e do baile havaiano que participara no clube de Cosmópolis (SP). Iem perguntou a GC se já havia mudado de residência. Ela esclareceu que permaneceria em sua moradia e sua ex-nora iria mudar-se para outro lugar. Após um pequeno intervalo, o grupo jogou cartas. Os encontros seguintes foram suspensos em virtude das férias.

14^o encontro: 12.03.2001

Reinício dos encontros. O grupo, neste dia, recebeu a visita de Iff, coordenadora do Programa de Educação Física para combinar novo horário das atividades. Em seguida IS mostrou ao grupo várias velas decorativas como uma sugestão de artesanato para o grupo confeccionar. Contou também que, durante as férias, fora com seu marido, a serviço, a Monte Mor (SP) onde mora Iic. Trouxera de lá duas folhas de árvores que julgara bonitas. Iem, com o intuito de engajar RR no fluxo conversacional, dirigiu-se a ela e perguntou:

- 01 Iem e aí RR você tem alguma novidade pra contar pra nós?...
durante as férias... não tem?
- RR ((erguendo o braço e fazendo gesto com as mãos como representando que viajara para muito longe))
- 05 Iic viajou?
- RR ((movimento afirmativo de cabeça))
- Iic ah é? pra onde cê foi?
- RR ((mostrou-se indecisa quanto à escolha do recurso expressivo para prosseguir na conversação))
- 10 Iic vamo lá quer escrever? ((deu a caneta e o papel para RR))

- CF êpa esaw ((tom de incentivo à tentativa de escrita de RR))
- RR ((pegou a caneta, tentou escrever, fez gesto negativo de cabeça))
num sei
- Iic é aqui dentro do estado de São Paulo?
- 15 RR Não
- IS Minas?
- CF Minas é?
- RR Não
- Iic RR é próximo a Minas?
- 20 RR vixi... ((fez movimento com as mãos indicando maior distância))
- Iic bem longe?
- Imc passa Minas
- CF e... aí óh é... ((tentando construir um gesto com as mãos))
- Iem mostra aí no mapa ((apontando para a agenda))
- 25 Iic mapa do Brasil
- RR ((pegou a agenda e abriu na página que tinha o mapa do Brasil))
- IS Mato Grosso?
- RR não ((consulta o mapa))
- Iem estamos aqui né? ((aponta para o estado de São Paulo))
- 30 RR ((desliza o indicador para a região Nordeste))
- Iem Bahia...nossa que LONGe
- Iic você foi para sua cidade RR?
- RR é é ((tom afirmativo))
- Iic Maranhão
- 35 Iem uh Maranhão ((tom exclamativo))
- CF uau que delícia ((tom exclamativo))

Quero enfatizar primeiramente, nesse dado, a construção da conversa não necessariamente assentada em recursos estritamente lingüísticos, como bem nos mostra RR, que utiliza essencialmente o gesto, a expressão facial e a agenda para participar do evento interacional, fazendo uso muito restrito da oralidade. Percebe-se como a troca de turnos está presente em todo o trecho descrito, indicando que a tomada de turno não se dá caoticamente, nem está na dependência apenas do sistema lingüístico, mas obedece a mecanismos de regras sociais e culturais como, por exemplo, “fala um de cada vez”. O engajamento de vários sujeitos afásicos no fluxo conversacional como se observa, demonstra que a distribuição de turnos não é mais tão determinada pelos não-afásicos como ocorria freqüentemente nas conversas logo que o grupo iniciou os encontros.

Em seguida a esse episódio, o grupo continuou conversando sobre viagens. Como gostava muito de viajar, CF interessou-se em saber qual o custo de uma viagem ao Maranhão e perguntou à RR quanto gastara com o passeio. Ela explicou que somente a passagem ficara R\$250,00 mas que não tivera despesas com a estadia, pois se hospedara na casa de sua mãe. Iff comentou que em certas companhias aéreas o preço da passagem era bem próximo ao da rodoviária e, por isso, valia a pena utilizá-la. Uma vez que o tema “viagem” tornou-se pertinente, o grupo continuou conversando sobre lugares que cada um gostaria de conhecer. Com relação ao noticiário, IS levou a manchete sobre a morte do governador Mário Covas e as benfeitorias que realizara na cidade de São Paulo. Após esses comentários, IP ensinou ao grupo como fazer sabonetes decorativos.

Vejamos os encontros 15º, 16º e 17º.

15º encontro: 19.03.2001

Neste encontro, estiveram presentes Imc, Iic, Ilm, Iss, IS, RR, AC e CF. O grupo recebeu, neste dia, a visita da pesquisadora e professora Lorenza Mondada, da Suíça, que fora à UNICAMP- IEL para participar do II Seminário de Neurolingüística. Além dela, a fonoaudióloga Iss também esteve presente com o propósito de conhecer o grupo, pois iniciaria o acompanhamento dos sujeitos individualmente. Imc apresentou-as para o grupo, que as

recebeu com expectativas e simpatia. Também mostrou aos participantes, através de um mapa, a localização da Suíça. Logo em seguida, sugeriu-lhes que perguntassem o que quisessem à convidada (o que ela pesquisava, se já tinha vindo ao Brasil anteriormente *etc*). Quando Ilm respondeu que já estivera no Brasil, IS pegou sua agenda, abriu na página do mapa do Brasil e perguntou a Ilm (pesquisadora) se ela conhecia o Norte do país.

- 01 IS conhece o norte do país? ((Uso de *prompting* fornecido pela investigadora Iic))
- Ilm o norte?
- IS é ((tom de exclamação))
- 05 Ilm é... eu foi:: é... em Manaus
é... eu foi oh::...Rio Branco também em Belém
onde mais...
- Imc olha o mapa
vê o que você conhece do Brasil
- 10 Ilm do Brasil... ((faz movimento circular em cima do mapa do Brasil com as mãos,
indicando um percurso pelo país todo))
a primeira vez que eu vim em oitenta e seis eu fiz um viagem em todo o Brasil
- CF Brasil? olha é ((tom exclamativo))
- Ilm havia um passe com vôos...
um passe da Varig, é, Transbrasil, VASP...
- 15 CF VASP? olha é ((tom exclamativo))
- Ilm é... és um passe que você pode viajar por todo o país por um mês ((fez
movimento circular em cima do Brasil com as mãos, indicando um percurso
pelo país todo))
- 20 enton eu fiz muitos vôos por vários cidades do Brasil ((faz movimento com as
mãos indicando vôos))
- por isso eu conheço um pouco

É importante observar, na transcrição desse episódio, como o gesto acompanhou quase todos os enunciados da professora Lorenza que, embora não afásica, fez uso recorrente deste recurso na situação dialógica com os participantes do CCA. É provável que isso se deva primordialmente a dois fatores: à representação que ela fez dos sujeitos afásicos os quais, por apresentarem certas dificuldades lingüísticas, necessitavam na situação dialógica, de pistas interacionais não restritas ao oral. Segundo, pela posição enunciativa que ela ocupava na

interlocução – sujeito de língua estrangeira que, em uma interação, utiliza-se de diversos recursos expressivos para ser compreendida. Desta maneira, como se pode ver, a escolha de recursos expressivos para satisfazer as necessidades discursivas depende, entre muitas coisas, da representação que o sujeito faz do seu interlocutor, de si mesmo no fluxo conversacional, dos recursos disponíveis no momento, além do que é verificável na utilização de recursos verbais mesmo em sujeitos que não são afásicos. Portanto, esses recursos não estão presentes somente quando há o pathos, a falta, a dificuldade, o distúrbio, o aparentemente excedente. São integrados, constitutivos da linguagem oral.

Observemos também como IS utiliza-se do modelo de conversa (neste caso, o tipo de conversa que se instaura quando lhe é apresentado uma outra pessoa- Onde mora? O que faz? Se conhece algo de onde o locutor reside *etc*) que demonstra, de certa forma, a competência pragmático-discursiva de IS, além de ilustrar o conceito de *história da conversa* postulado por Mattos (1998), isto é, o conhecimento que os sujeitos têm acerca do funcionamento da vida quotidiana e dos saberes dos modelos de conversa para conversar quotidianamente.

IS continuou a conversa dizendo que tinha uma sobrinha residente na Suíça, casada com um alemão. A Prof^a Lorenza perguntou-lhe onde a sua sobrinha morava e ela disse que não sabia. Nesse momento, GC assaltou o turno de IS pedindo a Imc que contasse ao grupo sobre o falecimento de seu marido no final de semana. Após o comentário, Imc perguntou ao grupo qual era a origem do nome da professora Lorenza. AC arriscou que a origem era italiana, acertadamente. A Prof^a Lorenza comentou que nascera no sul da Suíça, fronteira com a Itália. Disse também que, embora o país fosse pequeno, possuía três línguas diferentes: francês, alemão e italiano. Imc fez uma comparação com o Brasil: país grande e apenas uma língua. GC comentou que no Brasil todos se entendiam, pois havia somente uma língua. CF perguntou à professora se ela trabalhava com pessoas que apresentavam problemas de linguagem. Ela explicou que estudava como as pessoas de línguas diferentes interagiam-se; como elas conseguiam relacionar-se, comunicar-se. GC assaltou o turno de Ilm para perguntar a Imc sobre OS, que há muito tempo não via. Imc contou-lhe que a artista plástica falecera em fevereiro e sugeriu ao grupo realizar uma missa em sua intenção. IS retomou o tópico conversacional perguntando à prof^a Lorenza, através da escrita, onde ela morava. A Prof^a respondeu que residia na cidade de Basileia. AC comentou que conhecia uma cidade

brasileira que tinha esse nome. IS perguntou também quais outros lugares brasileiros a professora conhecia. Ela contou que conhecia São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia e região Sul. Após a apresentação da professora, o grupo comentou sobre os noticiários nacionais e regionais: a explosão da plataforma de petróleo de Campos, o debate dos prefeitos da cidade de Monte Mor e Cosmópolis, na TV Regional e sobre Florianópolis, cidade brasileira que mais se desenvolveu nos últimos anos com boa qualidade de vida. Como estava próximo da Páscoa, o grupo decidiu fazer ovos de chocolate no próximo encontro, e Imc organizou a lista dos ingredientes que cada um levaria para a atividade.

Notemos nesse encontro que os dois assaltos ao turno realizados por GC e a inserção de um novo tópico retratam a presença constitutiva também da dispersão no discurso cotidiano.

16^o encontro: 09.04.2001

Este dia foi destinado ao preparo dos ovos de páscoa. Estiveram presentes Iap, Iem, Imc, GC, IS e IP. Cada pessoa levou o combinado no encontro anterior para preparar os ovos de Páscoa. IS leu novamente a receita para o grupo e, seguindo as instruções, fizeram vários ovos que, depois de desenformados, foram decorados e distribuídos entre eles. Durante o preparo dos ovos, os sujeitos conversavam sobre receitas de pratos que consideravam gostosos e propuseram levar as receitas no próximo encontro para serem compartilhadas.

17^o encontro: 23.04.2001

Estiveram presentes nesse encontro CF, GC, IP, IS, AC, Imc, Iic e Iap. Como AC ausentara-se dos encontros anteriores, o grupo fez um breve comentário sobre as últimas atividades realizadas. Um dos temas mais debatidos foi o do racionamento de energia. Em seguida, AC pediu uma caneta e um papel e fez um desenho para dar sua opinião a respeito de como economizar energia. Imc comentava sobre o uso de uma lâmpada econômica para redução do consumo de energia quando CF assaltou o turno para lembrar ao grupo a respeito do que ficara combinado no encontro anterior: a troca das receitas e o preparo do bolo de fubá.

- 01 Imc vem com a regulagem certa (...)
- CF me () óh BO-LO ié óh ((dirigindo-se a Imc e fazendo gestos com as mãos como se estivesse mexendo algo numa tigela))
- Imc bateadeira?
- 05 CF [eira (...) ((tom explicativo. Apontou para os dedos da mão como se estivesse enumerando coisas a fazer))
- Imc cê qué fazê bolo?
- CF bo-lo :: ((apontou novamente para os dedos da mão como se estivesse enumerando coisas a fazer))
- 10 é ((tom afirmativo))
- Iic ah na semana passada a gente combinou de trazer algumas [receitas né CF?
- CF reCEITA é
- Imc você trouxe a receita ou o bolo?
- CF o:::....
- 15 Imc receita?
- CF não...é ((CF levantou-se da mesa e foi buscar ingredientes que trouxera para preparar o bolo))
- Iff você trouxe [tudo?
- CF [TU-DO
- 20 ah esaw esaw ((dirigindo-se para a cadeira a fim de pegar sua bolsa))
- CF Bo-lo tu tu tu
- Iic você trouxe as coisas CF?
- Imc é aquele bolo de fubá com goia [bada
- 25 CF [bada?
- Imc de [fubá?
- CF [fubá?
- ai e saw e saw ((tom de “socorro”, pois sua bolsa estava caindo da cadeira))
- Iic ((levantou-se e foi ajudar CF a segurar sua bolsa))
- 30 CF GOI-A-BA-DA ((dirigindo-se para Imc que havia perguntado sobre o tipo de bolo))

Em termos pragmáticos, observa-se, neste dado, a retomada da história da conversa do CCA feita por CF e Iic quando lembraram o grupo sobre o que havia sido combinado no encontro anterior (linhas 02 e 11): a troca de receitas culinárias e o preparo do bolo de fubá, aliás um bolo bastante apreciado pelo grupo. Esse já tinha vivenciado outros momentos de trocas de receitas e experimentado a receita do bolo de fubá com goiabada trazido por CF. Vê-se, nessa retomada, o traço típico de familiaridade do discurso cotidiano que sustenta enunciativamente a conversa. Nas palavras de Mattos (1998: 83):

“A conversa vai se construindo na mesma proporção em que vai se produzindo o efeito de familiaridade entre os interlocutores: pelo pré-construído e pela explicitação de uma “coerência subjacente”, ou seja, tanto pela memória quanto pela produção de um efeito de memória; nos dois casos, sempre por uma retomada de dados da memória.”

Em termos discursivos, podemos observar, neste dado, como CF marca prosodicamente e com gestos sua posição enunciativa ao assaltar o turno de Imc (linha 02) para salientar o que foi anteriormente combinado pelos participantes, reordenando o curso da ação das atividades do Programa para a troca de receitas e preparo do bolo de fubá.

Nas linhas (05, 25 e 27) podemos observar a presença de processos dialógicos de especularidade¹⁶ como recurso dialógico utilizado por CF para manter-se no fluxo conversacional, portanto, com uma função essencialmente interacional. Já em relação ao que ocorre nas linhas (12 e 19), observa-se que a repetição de parte do enunciado do interlocutor configura-se como o fenômeno de sobreposição de vozes de concordância para progressão temática ao fluxo conversacional, que também não deixa de ter um caráter interacional. Pode-

¹⁶ Em De Lemos (1982), a autora aponta três processos que seriam característicos do desenvolvimento da linguagem na criança: o processo de especularidade, momento em que a criança incorpora parte ou todo o enunciado do adulto; o processo de complementariedade inter-turnos, momento em que “a resposta da criança preenche um lugar “semântico”, “sintático” e “pragmático” instaurado pelo enunciado imediatamente precedente do adulto” (*op.cit.* 114) e o processo de complementariedade intra-turnos “em que o enunciado da criança resulta da incorporação de parte do enunciado adulto imediatamente precedente (...) e de sua combinação comum com vocábulo complementar (...)” (*op.cit.* 114)

se ainda observar, neste episódio, a presença de hesitações nas linhas (14 e 16) indicando momentos de planejamento de CF e lugares relevantes para transição de turno.

O grupo continuou com o preparo do bolo de fubá, enquanto AC e Imc foram olhar o jardim replantado. AC sugeriu cultivar margaridas no canteiro e Iic incumbiu-se de levar as sementes para o grupo plantar no próximo encontro. Ao final desse encontro, todos saborearam o bolo preparado por CF.

Finalmente, apresento a seguir, a descrição dos três últimos encontros do período de análise desta pesquisa.

18^o encontro: 21.05.2001

Este encontro foi marcado pelas novidades de várias pessoas: IS levou fotos da viagem que fez a Mato Grosso do Sul para festejar o aniversário de seu irmão. Levou os seguintes itens anotado na agenda: o tempo de estadia, os dias que permaneceu em Mato Grosso, a duração da viagem, com quem esteve *etc.* Mostrou também a árvore genealógica da sua família. Iem explicou ao grupo como se organiza esse tipo de árvore. GC foi motivada por Iem a contar para o grupo o que fora feito na semana anterior. Iem mostrou uma reportagem sobre o consumo de energia de diversos eletrodomésticos. Comentaram também as medidas para a redução de energia em ambientes de trabalho, lugares públicos e cálculo de cota por residência com base nos meses de abril a junho do ano anterior. GC falou que na sua casa seria difícil tal economia, pois recebia muitas visitas de filhos e netos. Iic leu reportagem da revista VEJA sobre fontes alternativas de energia. Imc comentou manchete de jornal a respeito do apoio dos baianos a Antônio Carlos Magalhães no processo de renúncia, causada pelo “escândalo do painel eletrônico”, no qual Antônio Magalhães estava envolvido num possível suborno na contagem de votos para cassação de mandato de um político. Iem lembrou os pratos que o grupo já fizera e sugeriu a retomada dos almoços coletivos. CF lembrou, com ajuda de Iem, os passeios que fizera juntamente com o Grupo I, quando participava das atividades daquele grupo. Surgiu, então, a idéia de programar um passeio, visto que, esse grupo, não tinha ainda realizado esse tipo de evento.

19^o encontro: 11.06.2001

Neste dia praticamente o grupo conversou sobre os preparativos para o passeio do dia 18.06.2001 ao Parque Ecológico de Campinas (SP), e também a respeito dos preparativos para o almoço festivo de encerramento do semestre, agendado para 25.06.2001. Imc redigiu a lista com o nome dos integrantes dos dois grupos e anotou o que cada um levaria tanto para o passeio, quanto para o almoço.

20^o encontro: 25.06.2001

Almoço de encerramento do semestre preparado no Centro, com a participação dos dois grupos.

Para encerrar este capítulo, as palavras que se seguem abaixo, resumem o que desejei mostrar ao longo da descrição dos encontros e análises realizadas:

“(...) a história da conversa, que constrói, pela linguagem, o relacionamento cotidiano, segundo já nos fora indicado pela própria etimologia da palavra conversar: conviver, encontrar-se habitualmente com outras pessoas, repetir o gesto de viver junto. O que se pode concluir daí é que, para a continuidade dos discursos do cotidiano, não importa a progressão textual mas a evolução da progressão da relação lingüístico-social entre as pessoas que conversam.”(Mattos,1998:86)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo realizado, podem-se tecer as seguintes considerações: o discurso cotidiano considerado como o ato social não se apaga frente à afasia. O CCA, a partir dos recursos metodológicos (a agenda individual e a apresentação e discussão de eventos cotidianos e socialmente relevantes), configura-se em cenário para a construção de um cotidiano e constituição do discurso cotidiano. Este, em termos de sua materialidade lingüístico-textual, não tem nada de caótico ou desorganizado; aliás, segue a mesma “arquitetura” (para usar as palavras de Marcuschi, 1986) da conversa produzida em interações com pessoas não-afásicas. Isso não deixa de revelar, de alguma forma, a presença de uma competência pragmático-discursiva dos afásicos frente ao uso básico da linguagem e sua importância para a realidade social, subjetiva, cognitiva nas práticas humanas.

Os recursos metodológicos do Programa de Linguagem aqui analisados contribuem para a construção do cotidiano no CCA, pois através desses recursos os diversos cotidianos dos sujeitos são levados para o espaço discursivo, seja para recontar ou retomar ao grupo fatos individualmente vividos pelos sujeitos, seja para compartilhar notícias consideradas interessantes a cada um ou ao grupo, seja para retomar fatos coletivamente vividos em sessões passadas registrados nas agendas individuais ou naquela particularmente conhecida como o diário de anotações das sessões, feito pelos pesquisadores.

Constatou-se que o tema, abordado por Mattos (1998) enquanto “o saber de um mundo narrável e argumentável”, contribui para a construção do discurso cotidiano no CCA, visto que os sujeitos constroem a prática social (aqui entendida como texto) do discurso cotidiano e prosseguem nas atividades interlocutivas, a partir daquilo que podem narrar, opinar: saberes pertinentes à sua realidade social diária. Isto nos remete à seguinte afirmação da autora (1998:82) a respeito do processo dinâmico da construção tanto do cotidiano, quanto do discurso cotidiano:

“(...) a produção do discurso oral cotidiano, desse “narrável e argumentável” do dia-a-dia, carrega traços dos gestos repetidos pela rotina diária, e assim é que, em certo momento, ousamos afirmar quase que tautologicamente que a produção do discurso cotidiano se

dá pelo próprio quotidiano, sem esquecer que a própria noção de quotidiano não é tomada como um dado apriorístico. Constrói-se o quotidiano, então, por uma união de gestos diários e ‘mimese discursiva’ ”. (Mattos, 1998:82)

Ao mesmo tempo em que os recursos metodológicos constroem o quotidiano no CCA, eles também inauguram, de certa forma, um quotidiano para os afásicos, por pelo menos dois sentidos. O primeiro porque vários deles não tinham hábito de usar agenda pessoal, de ler jornais impressos, de assistir ao noticiário televisivo, nem tampouco de conversar sobre notícias de uma maneira regular e sistemática. Segundo, esses recursos instigaram/motivaram tais sujeitos a participar discursivamente de um quotidiano (ainda que apenas o veiculado no CCA!); afinal, todos nós, afásicos ou não-afásicos, temos de fato um quotidiano, mas podemos ou não participar dele discursivamente.

Se, efetivamente, as práticas interativas e discursivas quotidianas do CCA podem contribuir para que os afásicos sintam-se mais confiantes para estabelecer interações em outros ambientes, é possível reafirmar a reflexão de Morato (2002:57):

“o CCA também não deixa de ser um espaço terapêutico no sentido em que as relações humanas podem ter um efeito terapêutico; ou no sentido em que o reconhecimento dos rituais sociais (a empatia, a amizade, a ação conjunta, a reflexão) podem ser terapêuticos”.

Sendo a conversa quotidiana o lugar de transformações das relações entre sujeitos (desconhecidos passarão a ser em amigos; conhecidos, fregueses *etc*), ela parece transformar as relações dos sujeitos presentes no espaço discursivo do CCA numa espécie de pequena comunidade de fala. Essa transformação ocorre através da formação do “*common ground*”, ou seja, o lugar comum que leva os sujeitos a terem uma identificação enquanto grupo social. No caso do CCA, é provável que o “*common ground*” seja instituído pelo discurso quotidiano, que é propriamente a prática em comum dos sujeitos no espaço de interação e convivência do Centro.

Se os atos de convivência que se realizam pela conversa são os de uma relação social cotidiana da vida, como postula Mattos (1998), infere-se que o CCA, ao cumprir sua função social (de estabelecer a convivência e o relacionamento interpessoal), imprime ao sujeito o efeito do cotidiano pela linguagem. Vejamos como o relato do sujeito NS, integrante do CCA, resume de maneira exemplar essa questão:

NS: (após comentar que mesmo as pessoas com quem convive diariamente conversam com ela “só um pouquinho”) *Sabe por que, não sabe? Eu num falo, sabe....Sabe por quê? A fala num deixa.(...) “Eu quero conversá, eu quero conversá, por que você num escuta?” Né, aí ele falou: “Ah, que foi, que foi?”. Depois, (...) ele tá assistindo também...Depois: “Ah, vou durmi, vou durmi”.*

Ifc- *E aqui no CCA, você acha que conversa?*

NS: *AQUI? Nossa Senhora! Aqui? Lá em casa eu sei...sozinha (...). Luana: “Nadir,tal,Nadir tal,tal”, conversando, errado, certo....Eu converso, né!*

(extraído do livro: *Sobre as Afasias e os Afásicos- Subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos, 2002*)

Caso se considere a expressão de Benveniste (1988:288) segundo a qual “(...) o fundamento da subjetividade está no exercício da língua”, pode-se deduzir que a conversa, concebida discursivamente como a manifestação do ato social de estabelecer relações interpessoais, atua como a matriz da (re)composição da subjetividade e do papel social dos sujeitos afásicos presentes no CCA.

Avista-se, dessa forma, que este tipo de estudo só é possível no CCA pelas práticas e rituais sociais veiculados em seu espaço de interação, diferentemente do que ocorre no espaço terapêutico tradicional que, embora interativo, tem o compromisso exclusivo de minimizar as dificuldades lingüísticas, cognitivas e motoras dos afásicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. (1981) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo, Hucitec.
- BENTES, A.C. (2001) *Linguística Textual*. In MUSSALIM F. & BENTES, A .C (Orgs.) *Introdução à Lingüística – domínios e fronteiras*. Volume 1, São Paulo: Cortez.
- BENVENISTE, E (1988) *Problemas de Lingüística Geral 1*.Campinas: Pontes & Editora da UNICAMP Campinas.
- BRAIT, B. (1999) O processo interacional. In PRETI, D (Org.) *Análise de Textos Oraís* 4ª edição, São Paulo: Humanitas USP
- CLARK, H.H. (1999) Communities, Commonalities, and Communication. In GUMPERZ, J. & LEVISON, S.C. (Orgs.) *Rethinking Linguistic Relativity*. University of Cambridge.
- _____ (2000) O uso da linguagem. In *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, 9: 49-71
- CLARK, H.H. & BRENNAN, S. A . (1991). Grounding in communication. In L.B. Resnick, J.M. Levine, & S.D. Teasley (Orgs.), *Perspectives on socially shared cognition*, pp. 127-149. Washington, DC:APA Books.
- COUDRY, M.I.H (1988) *Diário de Narciso – Discurso e Afasia*, São Paulo: Martins Fontes.
- DIONÍSIO, A. P. (2001) *Análise da Conversação*. In MUSSALIM F. & BENTES, A.C (Orgs.) *Introdução à Lingüística – domínios e fronteiras*. Volume 2, São Paulo: Editora Cortez
- FEDOSSE, E. (2000) *Da relação Linguagem e Praxia: Estudo Neurolingüístico de um caso de Afasia*. Dissertação de Mestrado, IEL/UNICAMP
- FOUCAULT, M. (1969) *Arqueologia do saber*. Trad. L.F. Baeta Neves. Petrópolis, Editora Vozes, 1971 (título original, 1969)
- FRANCHI, C. (1977) Linguagem- Atividade constitutiva. In *Almanaque* 5 : 9-27.
- FREITAS, M.S. (1997) *Alterações Fono-articulatórias nas Afasias Motoras: Contribuições para uma caracterização Lingüística da Afasia*. Tese de Doutorado, IEL/UNICAMP
- FRANÇOIS, F. (1984) *Interprétation linguistique et psychopathologie. L'évolution psychiatrique* 49 (2):415-449.
- GALEMBECK, P.T. (1999) O turno conversacional. In PRETI, D (Org.) *Análise de Textos Oraís* 4ª edição, São Paulo: Humanitas USP
- GERALDI, W. (1991) *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes.

- GRUNIG, B-N & GRUNIG, R. (1985). *La fuite su sens*. La construction du sens dans l'interlocution. Hatier.
- KOCH, I.G.V.(1990) Coesão textual.2ª edição .São Paulo: Contexto.
- _____ (1997) O texto e a construção dos sentidos. São Paulo: Contexto.
- LEMOS,C (1982) Sobre a aquisição da linguagem e seu dilema (pecado) original. *Boletim da ABRALIN*, 3, 97-126.
- MACEDO, H. O. (2005) *O processo de refacção textual na linguagem escrita de sujeitos afásicos*. Tese de Doutorado, IEL/UNICAMP
- MAINGUENEAU, D. (1984) *Génèses du discours*. Paris: Mardaga.
- _____ (1989) *Novas tendências em Análise do discurso*. Campinas, São Paulo:Pontes.
- _____ (1991) *L'analyse du discours: introduction aux lectures de l'archive*. Paris:Hachette.
- _____ (2002) *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez.
- MARCUSCHI, L.M.(1986) *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática.
- MATTOS, M. A.B. (1998) *Dispersão e Memória no Quotidiano*. São Paulo: Martins Fontes.
- MORATO, E. M. (1995) *Um estudo da confabulação no contexto neuropsicológico: o discurso à deriva ou as sem-razões de sentido*. Tese de Doutorado, IEL/UNICAMP
- _____ (1999a) Rotinas significativas e práticas discursivas: relato de experiência de um Centro de Convivência de Afásicos. *Distúrbios de comunicação (PUC-SP)*. Col.10 (2): 157-165
- _____ (1999b) *O Centro de Convivência de Afásicos (CCA) como prática discursiva*. Texto apresentado em Simpósio no IV Congresso Brasileiro de Neuropsicologia (Rio de Janeiro, junho de 1999).
- _____ (2000a) As afasias entre o normal e o patológico: da questão neurolingüística à questão social. *Direito à fala- a questão do preconceito lingüístico*. Florianópolis: Insular.
- _____ (2000b) *Centro de Convivência de Afásicos/CCA: a construção de uma comunidade discursiva*. Texto apresentado no Simpósio "Dinâmicas interacionais e práticas discursivas, na III Conferência de Pesquisa Sócio-cultural (Campinas, 16-20 de julho de 2000).

- _____ (2001a) *Centro de Convivência de Afásicos: Práticas discursivas, processos de significação e propriedades interativas*. (FAPESP – Proc. 99/07055-6). Relatório Parcial de Pesquisa.
- _____ (2001) *Neurolingüística. Introdução à Lingüística- Domínios e fronteiras* (orgas. Mussalim, F. & Bentes, AC). São Paulo:Cortez.
- _____ (2002) *Centro de Convivência de Afásicos: Práticas discursivas, processos de significação e propriedades interativas FAPESP (Processo n. 99/07055-6)*
- _____ e cols (2002). *Sobre as Afasias e os Afásicos- Subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos*. Campinas: UNICAMP.
- _____ (2004) *O interacionismo no campo lingüístico*. In MUSSALIM, F. & BENTES, A .C .(Orgas.) *Introdução à Lingüística- Fundamentos Epistemológicos*. Volume 3, São Paulo: Cortez
- _____ & NOVAES-PINTO (1997). “Aspectos enunciativos da jargonafasia”. *Estudos lingüísticos XXVII*. (pp. 396 – 401).
- MURDOCH, B. E. (1997) *Desenvolvimento da fala e distúrbios da linguagem*. São Paulo:Revinter
- MUSSALIM, F (2001) *Análise do Discurso*. In MUSSALIM F. & BENTES, A .C (Orgs.) *Introdução à Lingüística – domínios e fronteiras*. Volume 2, São Paulo:Cortez.
- NOVAES-PINTO, R.C.(1999) *A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas*. Tese de Doutorado. IEL/UNICAMP.
- ORECCHIONI, C.K.(1996) *La conversation*. Paris:Memo Seuil.
- SACKS, H. & SCHEGLOFF, E.E. & JEFFERSON, G. (1974) *A Simplest Systematics for the Organization of Turn-Talking for Conversation*. *Language*, 50, 696-735.
- SANTANA, A.P.O. (1999) *O lugar da Linguagem Escrita na Afasiologia: Implicações e perspectivas para a Neurolingüística*. Dissertação de Mestrado, IEL/UNICAMP
- VISCARDI, J. (2005) *O estatuto neurolingüístico do automatismo: um estudo de caráter longitudinal*. Dissertação de Mestrado, IEL/UNICAMP.

APÊNDICE

BREVE DESCRIÇÃO NEUROLINGÜÍSTICA DOS QUADROS AFÁSICOS DOS SUJEITOS QUE FREQUENTARAM O CCA NO PERÍODO DESTA PESQUISA (JULHO DE 2000 A JULHO DE 2001)

Grupo II

1. MA. Hipertensa e diabética, MA sofreu AVC isquêmico em território da Artéria Cerebral Média esquerda em novembro de 1998, decorrendo daí uma hemiplegia completa à direita, hemianopsia também à direita, agnosia para cores, acalculia, dificuldade para localizar partes de seu corpo e um quadro afásico de predomínio expressivo caracterizado por uma estereotipia (“tutututu”) logo nos primeiros meses após AVC, acompanhado também por apraxia buco-lábio-lingual, anomia, e alterações mais discretas nos processos interpretativos da linguagem. MA fazia uso restrito da linguagem escrita antes do AVC. Sempre trabalhou nos afazeres domésticos. Na época desta pesquisa, MA estava conseguindo articular alguns enunciados com uso de *prompting* oral¹⁷ ainda que na ocorrência de abundantes parafasias¹⁸ fonológicas - e já apresentava melhora significativa dos processos interpretativos da linguagem e das alterações gnósicas (sobretudo com relação à autotopognosia). Sua participação no grupo acontecia pela produção de estereotipia verbal (“tutututu”) com prosódia bastante marcada de forma interjectiva. Algumas vezes, porém, mostrava-se dispersa no fluxo conversacional.

2. GF. Apresentava hipertensão arterial, diabete e cardiopatia. Sofreu AVC isquêmico em região de Artéria Cerebral Média esquerda, em janeiro de 1999, tendo a tomografia computadorizada de crânio demonstrado hipodensidade e diminuição de sulcos em região Perisylviana à esquerda. O acidente cerebral resultou em hemiplegia completa à direita,

¹⁷ *Prompting oral* – pista articulatória do interlocutor que funciona como ponto de partida para a produção oral. FREITAS, 1997.

¹⁸ Parafasia fonológica e semântica- produção afásica inadequada em relação à palavra esperada, com ou sem relação semântica entre elas; pode-se dar na disposição dos fonemas ou na qualidade fonético-articulatória de sua produção. É possível também decorrer de omissões, perseveração, contaminação ou distorção de fonemas. Exemplo de parafasias semânticas: dizer garfo para colher. Exemplo de parafasia fonológicas “palevra” para palavra.

hemianopsia à direita, discalculia, quadro afásico caracterizado por parafasias fonológicas, paralexias e paragrafias. Apresentava uma fluência de fala maior que os demais sujeitos afásicos, ainda que com realização de parafasias fonológicas.

3. IS. Sofreu dois aneurismas, dois anos antes do o AVC hemorrágico, o qual ocorreu em junho de 1997. Foi submetida a uma neurocirurgia. O resultado da tomografia computadorizada demonstrou calcificação em região fronto-parietal no hemisfério esquerdo. IS apresentava uma hemiplegia de predomínio braquial à direita, um quadro afásico com alterações mais significativas nos processos expressivos da linguagem como dificuldade de encontrar palavras, parafasias fonológicas, paralexias e alterações na escrita. Apesar de apresentar uma apraxia buco-lingual repercutida significativamente no movimento fonoarticulatório da fala, iniciava e respeitava turnos conversacionais. Sua produção oral era, em alguns momentos, acompanhada por gestos representativos. Recorria também à linguagem escrita para orientar a construção do sentido de seus enunciados orais.

4. AC. Sofreu AVC, em agosto de 1998, em virtude de hipertensão. Na tomografia computadorizada observou-se seqüela em região fronto-temporal à esquerda. O acidente resultou em hemiplegia completa à direita e num quadro afásico caracterizado por jargonafasia¹⁹ mista, grande dificuldade para repetição, dificuldade articulatória não relacionada a problemas motores, mas à desintegração fonética e dificuldade para diferenciar turnos. Após seu ingresso no CCA, observou-se maior controle do jargão, como também melhora nos processos interpretativos da linguagem e respeito aos turnos dialógicos. Começou a fazer uso, mesmo que esporádico, da linguagem escrita e de desenhos ilustrativos para orientar o sentido de seus enunciados.

¹⁹ MORATO & NOVAES-PINTO (1997) no texto “Aspectos enunciativos da jargonafasia”, discutem as explicações tradicionais em torno da jargonafasia, as quais resumidamente, incidem na alteração de algum tipo de processamento lingüístico (fonológico e/ou léxico-semântico), acompanhada por problemas de compreensão e por uma produção sucessiva de parafasias. A partir de uma abordagem enunciativo-discursiva da linguagem, as autoras procuram mostrar que a jargonafasia não é apenas uma transformação parafásica que diz respeito estritamente a um déficit de processamento lingüístico; é também produzida como resposta ao interlocutor; uma espécie de resposta do sujeito às suas próprias dificuldades lingüístico-cognitivas e ao seu interesse de preservar a (inter) subjetividade. A jargonafasia, concluem, só pode ser entendida a partir de sua inscrição pragmático-enunciativa e da análise das interações em meio às quais é produzida. Para maiores detalhes, ver texto na íntegra.

5. OS. Sofreu AVC isquêmico em território de artéria cerebral média esquerda, em 1997, e, desde então, manteve-se afastada de suas atividades laborais pelo comprometimento motor de membros superior e inferior à direita (hipotonia espástica que dificultava principalmente o movimento de apreensão e sustentação de objetos na mão direita). Após episódio neurológico, começou a desenvolver crises convulsivas, cuja medicação ocasionou tremores na mão esquerda. O quadro afásico de OS caracterizava-se por dificuldades de encontrar palavras, dificuldades para iniciar turnos e restrita produção oral espontânea. Seus enunciados eram realizados com ajuda de *prompting* oral. Apresentava também alterações nos processos interpretativos da linguagem e alterações na linguagem escrita. No 2º semestre de 2000, a artista plástica teve infecção urinária, seguida de uma pneumonia e complicações cardíacas vindo a falecer em fevereiro de 2001.

6. RR. Em 26.06.96, sofreu AVC isquêmico que resultou em uma hemiparesia braquial à direita. Tomografia computadorizada de crânio demonstrou limite mal definido em região fronto-temporal à esquerda e núcleos de base à esquerda. Apresentava quadro afásico com alterações no processo expressivo da linguagem caracterizado por restrita produção verbal (“oi, sim, não”), dificuldade de ordem fono-articulatória e dificuldade de encontrar palavras. Comunicava-se quase que exclusivamente por gestos. O AVC também ocasionou alterações na linguagem escrita, o que levou a escrever palavras e textos apenas com ajuda do interlocutor

7. OM. Sofreu AVC isquêmico, em junho de 1999, devido ao diabetes, hipertensão e cardiopatia. Achados da tomografia revelaram lesão em lobos temporal e parietal no hemisfério esquerdo e também na cabeça de núcleo caudado e núcleo lentiforme do mesmo lado. Como seqüela do episódio neurológico, OM teve uma hemiplegia completa à direita, parestesia de hemiface à direita e um quadro afásico com alterações maiores nos processos expressivos da linguagem: estereotipia “tututututu”, quando avaliado, dificuldades de encontrar palavras, alterações fono-articulatórias sob forma de elemento paralítico manifestado pela debilidade de sopro traqueal e dos músculos fonadores e apraxia buco-facial.

8. GC. Apresentava uma hemiplegia completa direita, consequência de AVC isquêmico sofrido em dezembro de 1997. Resultado da tomografia computadorizada revelou lesão frontal e em núcleos de base à esquerda. Apresentava quadro afásico de predomínio expressivo caracterizado por dificuldades de encontrar palavras, parafasias fonológicas e semânticas, paralexias e quadro disártrico²⁰. Tinha, assim como GF, uma fala mais fluente que os demais sujeitos afásicos, embora na realização de algumas parafasias fonológicas e semânticas.

9. CF. Apresentou, em 1985, um quadro de cefaléia intensa, com súbita perda de consciência, por ruptura de aneurisma. Tendo sofrido um Acidente Vascular Cerebral hemorrágico, submeteu-se à intervenção cirúrgica. Após esta, uma tomografia computadorizada de crânio mostrou área hipodensa (isquêmica) em território da Artéria Cerebral Média esquerda. Em 1991, foi encaminhada ao Hospital de Clínicas da Unicamp. Recebeu como diagnóstico “Afasia de Broca do tipo eferente”. Embora tivesse evoluído, seu quadro apresentava automatismos²¹, sendo que o ritmo e a entonação atuavam como elemento estruturador de sua fala. O *prompting* oral do interlocutor por vezes funcionava como ponto de partida para a implementação fonética e para a expansão de sua produção oral.

²⁰ Disartria- distúrbio no controle muscular no mecanismo de fonação e articulação dos sons da fala relacionado ao aparelho fonador. A depender do local da lesão neurológica, a disartria pode manifestar-se pela alteração do ritmo e da articulação dos sons da fala. No caso de GC, o ritmo de sua fala era lento e a articulação pastosa. Para outros detalhes, ver MURDOCH (1997).

²¹ A respeito deste assunto, consultar trabalho de VISCARDI (2005).

ANEXO

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO*
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda...() nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entonação enfática	maiúscula	porque as pessoas retÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	ao emprestarem os...éh::: ... o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central...certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos ... ou três razões...que fazem com que se retenha moeda...existe uma retenção
Comentários descritivos	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição; desvio temático	-- --	...a demanda de moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	┌ ligando a └ as linhas	A. na ┌ casa de sua irmã B. ┌ sexta-feira? A. fizeram ┌ lá... └ cozinharam lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	“ ”	Pedro Lima...ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIRA entre nós”...

* Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP no 338 EF e 331 D 2.

OBSERVAÇÕES:

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc.)
2. Fáticos: *ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por está:tá? você está brava?)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados
4. Números: por extenso
5. Não se indica ponto de exclamação (frase exclamativa)
6. Não se anota o *cadenciamento* da frase
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: *oh::: ...*(alongamento e pausa)
8. Não se utilizam sinais de pausa, típicos de língua escrita, como ponto-e- vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.